

TRÍDUO DOS COLEGIAIS

O abraço que te salva

*Tríduo Pascal dos Colegiais
Rimini, 24-26 de março de 2016*

MENSAGEM DE SAUDAÇÃO, JULIÁN CARRÓN

24 de março, quinta-feira à noite

Alberto Bonfanti. Começamos este gesto agradecendo a Pigi, que aceitou o convite do Pe. Julián Carrón para pregar os Exercícios, dada a impossibilidade de José Medina de estar conosco este ano. Agradecemos também a Carrón, nosso amigo, que neste ano quis estar conosco desde o início com a mensagem que nos enviou e que agora leio a vocês.

“Caríssimos,

é comovente que Jesus nos chame amigos!

O que significa isto?

Amigo é alguém que ama minha vida, minha realização, minha plenitude.

É esta plenitude que eu quero, que espero secretamente desde que o desejo de felicidade começou a aflorar dentro de mim.

No entanto, apesar de este desejo ser tão instigante – cada fibra do nosso ser o grita –, como é difícil dar-lhe resposta na vida quotidiana! Às vezes, de fato, parece até que está contra nós, de tão lancinante que é. Outras vezes nos perguntamos se não seria melhor para nós que ele não fosse tão urgente.

Todos sabemos, por experiência, que não é fácil encontrar alguém que viva à altura do próprio desejo. Do mesmo modo, sabemos que sem a presença de um grande amigo logo nos renderíamos diante das urgências da vida.

É neste ponto que se torna evidente o significado da amizade de Jesus.

Sem um amigo como Jesus, que nos acompanha e nos sustenta, seria quase impossível não desistir. Por isso compreendemos a verdade de Suas palavras: “Sem mim, nada podeis fazer” (Jo15,5); e então Lhe dizemos: “Sem Ti, nada podemos fazer”.

É Seu abraço o que nos salva. Com Ele ao nosso lado, a vida é diferente, mais plena.

Imaginem como os discípulos devem tê-Lo percebido como amigo, a ponto de responderem a Jesus, tal como fez Pedro: “A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna” (Jo 6,68), Tu tens palavras que preenchem a vida.

Neste Ano Santo da Misericórdia e nestes dias da Sua paixão, morte e ressurreição, desejo que se torne cada vez mais de vocês a pergunta que surge no coração de quem é alcançado pelo Seu olhar amigo: Quem és tu, Cristo, quem és tu, que não podemos privar-nos de ti, depois de termos te encontrado?

Boa Páscoa!

O vosso amigo Julián”

INTRODUÇÃO, PIGI BANNA
24 de março, quinta-feira à noite

“Ele está aqui. Está aqui como no primeiro dia”
(Ch. Péguy)

**“DE QUE ADIANTA ALGUÉM GANHAR O MUNDO INTEIRO,
SE VIER A PERDER-SE E AARRUINAR A SI MESMO?”**

“De que adianta a alguém ganhar o mundo inteiro, se vier a perder-se e a arruinar a si mesmo?”¹ Ou, como me escreve um de vocês: “Como se faz para não perder a vida vivendo?”. Logo aos catorze, quinze anos, uma pessoa se dá conta de que talvez já tenha perdido tempo demais. Que não nos aconteça acordarmos daqui a dois dias e nos darmos conta de que o Tríduo passou e nós não estávamos lá, que o tempo passou e nós não crescemos. Para isso, devemos pedir para ter a mesma atenção, a mesma disponibilidade de coração e de razão, o mesmo silêncio cheio de afeição de Maria. Não sabia o que ia acontecer depois do anúncio do anjo, mas sabia que não queria perder tempo, que queria estar lá com todo o seu ser. Nós também não sabemos o que vai acontecer, mas sabemos que queremos estar lá. Com ela repetimos: “Faça-se em mim segundo a vossa palavra”.

Angelus

Sejam todos bem-vindos, sobretudo os que vêm de mais longe, pelo sacrifício que fizeram e por não quererem perder tempo. Nenhum de nós quer perder tempo. Nenhum de nós quer ser infeliz. Quantas pessoas dizem que nos querem ver contentes, felizes! Mas quantas conseguem deixar-nos realmente felizes, realmente contentes? Muitos dizem saber qual é a nossa felicidade, mas às vezes nos apresentam uma conta muito cara, cara demais, antes ainda de nos fazerem experimentar a experiência da felicidade: “Você será feliz, mas só se fizer isto, se se comportar desta maneira, se me obedecer, se repetir as coisas que eu lhe digo, se me seguir...”. Podíamos prosseguir com a lista, mas não se vê a felicidade com tanta frequência. Não estou falando só dos pais ou dos professores, mas também de nós, amigos. Às vezes também entre nós existem regras não escritas para respeitar. Por quê? Porque assim seremos amigos, seremos felizes. Mas quantos, na verdade, conseguem ser realmente nossos amigos, conseguem realmente nos compreender? Todos dizem que nos conhecem bem, mas quem é que nos compreende realmente? Quem é que realmente é capaz de nos compreender?

Isto acontece porque, como diz uma poesia de Emily Dickinson, há um “segredo polar”² em cada um de nós. Ou porque, como diz o escritor Alessandro Baricco, “*tu és infinito*”,³ tu és um mistério infinito, e por isso ninguém te compreende. Esta manhã fiz uma caminhada na praia de Rimini e vi um mar tempestuoso (que no decorrer do dia se acalmou), um mar no meio de uma verdadeira tempestade, que os quebra-mares colocados nos cem metros da praia não conseguiam conter; e pensava: cada um de nós é como esse mar tempestuoso, infinito, impossível de conter. Por isso muitos não conseguem nos compreender, e nós procuramos pôr barreiras, quebra-mares. E qual é o resultado do nosso esforço? Às vezes arrebenta, como a espuma da onda, numa raiva contra nós mesmos. Como diz Nietzsche: “Esta tendência, este impulso para a verdade, o real, o não aparente [...] Já não o suporto”,⁴ como o ódio!

¹ Lc 9,25.

² “O espaço tem uma solidão, / uma solidão de mar / e uma solidão de morte – mas / todos elas serão multidão / comparadas com aquele ponto mais profundo, / aquele segredo polar / que a alma admite a si mesma: / infinidade infinita” (E. Dickinson, *Ha una sua solitudine lo spazio*, n. 1695).

³ A. Baricco, *Novecento*. Milão: Feltrinelli, 1994, p. 56.

⁴ Cf. F. Nietzsche, “La gaia scienza”. In: Idem, *Le grandi opere*. Roma: Newton Compton, 2008, p. 1214.

Enfurecemo-nos, como uma onda que se arrebenta contra a rocha. Outras vezes estamos um pouco “irritadinhos”, “deprimidinhos” (também temos medo de dizer: deprimidos), deprimidinhos, como a água inerte na margem que fica depois da onda. Mas deprimidos ou enfurecidos, nada disso consegue conter aquele mar infinito que é cada um de nós. Nenhum de nós consegue conter aquele infinito que tem em si.

Como nos escreveu Julián em sua mensagem, “apesar de este desejo ser tão instigante – cada fibra do nosso ser o grita –, como é difícil dar-lhe resposta na vida quotidiana! Às vezes, de fato, parece até que está contra nós, de tão lancinante que é. Outras vezes nos perguntamos se não seria melhor para nós que ele não fosse tão urgente”. Exasperadamente presunçosos e enfurecidos, ou aborrecidos e inertes: são todas faces daquele mar infinito que é cada um de nós, e não porque estejamos errados. Porque uma pessoa, a primeira vez que se sente realmente impotente, a primeira vez que se sente realmente sozinha e incompreendida; uma pessoa, a primeira vez que se sente impotente, justamente nesse momento começa a ser homem; você não está errado por ter esse fogo em você, mas você tem dentro de si esse mar infinito impossível de conter porque você é realmente homem. Como nos diz Dom Giussani: “Quanto mais descobrimos nossas exigências, tanto mais tomamos consciência de que não podemos satisfazê-las por nós mesmos, nem o podem os outros, homens como nós. O sentimento de *impotência* acompanha cada experiência séria de humanidade. É este sentimento de impotência que gera a *solidão*. A solidão verdadeira não provém do fato de se estar fisicamente só, mas sim da descoberta de que um problema fundamental nosso não pode encontrar resposta em nós ou nos outros. [...] Estamos sozinhos com as nossas necessidades, com a nossa necessidade de ser e de viver intensamente. Como uma pessoa sozinha no deserto: a única coisa que pode fazer é esperar que venha alguém. E não será certamente o homem a trazer a solução; pois o que tem que ser resolvido são justamente as necessidades do homem”.⁵

Um de vocês compreendeu isto bem, leio a sua contribuição: “Tenho muitas coisas na vida: amigos, paixões, pessoas que me querem bem. Mas a coisa mais preciosa que tenho é a minha profundidade, a minha capacidade de olhar para mim até o fundo, sempre, continuamente, de forma a nunca poder mentir para mim mesmo. O que domina a minha vida é a amargura. Depois de uma Escola de Comunidade, de um encontro, de um dia, tenho sempre esta amargura dentro de mim. Nada me faz minimamente feliz. E a conclusão a que chego cada vez mais é que não existe uma felicidade para mim, uma saída para mim. Por que, então, se estou assim tão mal, não consigo maldizer [como, ao contrário, faz Nietzsche] a minha constante profundidade nem mandá-la para o inferno? Porque me torna grande, me torna verdadeiro, me torna triste. Porque é a única verdade da minha vida”. Se pudesse, eu abraçaria esse nosso amigo agora, porque disse uma coisa grandiosa. É a única verdade da nossa vida, esse infinito que grita dentro de nós, esse mar impossível de conter, essa pobre voz que grita pela eternidade, que pede a vida ao amor.

Cantemos juntos *Povera voce*.

Povera voce

“Eu vos chamo amigos”

Nesta noite a Igreja lembra aquela noite, a última noite, em que Jesus pronunciou estas palavras: “Eu vos chamo amigos”.⁶ Escutemos apenas algumas das palavras com que, alguns anos depois, o evangelista João se referiu àquela cena: “Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu Senhor. Eu vos chamo amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai. Não fostes vós que me escolhestes; fui eu que vos escolhi e vos designei, para dardes fruto e para que o vosso fruto permaneça. Assim, tudo o que pedirdes ao

⁵ L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2006, p. 79.

⁶ Jo 15,15.

Pai, em meu nome, ele vos dará. O que eu vos mando é que vos ameis uns aos outros”.⁷

O que significa tê-los chamado de amigos? Se tivéssemos perguntado a Pedro, a João, a André, a Filipe, sentados naquela noite em volta da mesa: “O que significa que não vos chamou de servos, mas amigos?”, teriam começado a contar-nos como, desde o primeiro instante, se sentiram preferidos, escolhidos, amados por Jesus como por mais ninguém. Talvez até dissessem, como o cantor Kaos One: “Cada olhar teu, cada frase: coisas preciosas”,⁸ teriam dito sobre Jesus: “Na escuridão começaste a caminhar comigo, deste uma perspectiva à minha vida”. Coisas preciosas: cada olhar Seu. Por quê? Porque ele os tinha despertado, tinha começado a amá-los, tinha começado a querer bem ao infinito que eles eram e diante do qual todas as vezes nós tentamos pôr os quebra-mares. Com Jesus não era preciso pôr quebra-mares, não era preciso fingir que estavam bem, nem sequer era preciso ter medo de estarem bravos ou cansados, porque ele olhava sempre para aquele mar infinito, e, como nos diz Julián, “sem a presença de um grande amigo logo nos renderíamos diante das urgências da vida”. Ou como conta ainda uma de vocês, que descreve o que significa encontrar um amigo: “O que sempre atormenta e aperta com força o meu coração é que, diante desta realidade, toda tão preciosa, toda tão puramente oferecida, eu sinto dentro de mim um vazio abissal. E trago comigo uma ferida, um drama no coração que é lancinante, porque o céu não me basta, olhar para o garoto por quem estou apaixonada não me basta, o abraço fraterno dos meus amigos não me basta. Nada preenche o meu coração (nada!), permanece sempre, constante e violenta, a exigência de um ‘mais’ ao qual não sei dar um nome, mas que espalha em meu coração uma saudade que me aperta o peito, que me faz chorar até a exaustão, de noite na cama. Porém eu estou certa, firmemente certa, e até arrancarem meu coração do peito vou estar certa: em nenhum lugar, nenhum, eu fui acolhida com esta minha pergunta, em parte nenhuma encontrei pessoas, amigos que olhassem para mim como eu sou realmente, a não ser nesta Companhia. E este é o motivo pelo qual continuo ligada aos meus amigos e estou nos gestos dos Colegiais com 200% de mim. Porque não há mais nenhum lugar aonde eu possa ir e onde eu possa fazer, gritando, este meu pedido de um ‘mais’. Por isso eu fico ligada a vocês, porque aqui foi o único lugar onde me senti querida assim, tão verdadeiramente eu”.

É isto um amigo: “Amigo é alguém que ama a minha vida, a minha realização, a minha plenitude” – nos diz ainda Julián –, e que não põe na sua boca respostas para você repetir, que não lhe faz um belo discursinho para você decorar. Se estamos aqui esta noite é porque nós também, como a nossa amiga, de alguma maneira encontramos alguém diante de quem já não tínhamos de ter medo de sermos simplesmente nós mesmos, diante de quem, finalmente, já não tínhamos de nos sentir errados. Isto é um o amigo. Uma jovem, depois de ter ido a um *Raggio* pela primeira vez, escreveu a outra amiga: “Num mundo onde todos lhe dizem ‘esqueça’, vocês dizem ‘experimente’”. Isto é um amigo: alguém que acredita em você. É esta, no fundo, a razão pela qual eu estou agora aqui falando a vocês: quando eu tinha treze anos e meio, portanto a idade dos mais novos entre vocês, fui convidado para jantar por uma professora de religião da minha escola e assim, entre uma coisa e outra, deixei escapar uma frase: “Eu acho que já não se pode confiar em ninguém neste mundo”, disse assim mesmo, eu já era cínico aos treze anos, por isso não se assustem! E ela me disse: “Que coisa ótima!”. Começou a discutir comigo, a perguntar. Então eu pensei: “Eu disse uma coisa dessas, quase por acaso, e ela está mais interessada em mim do que eu mesmo”. Estava mais interessada em mim por uma coisa que eu já tinha deixado de lado. É isto o que significa encontrar um amigo, alguém para quem o seu mal-estar, o seu sentimento de inadequação é uma riqueza. E

⁷ Jo 15,15-17.

⁸ “Na escuridão você caminha comigo, / é o motivo por que eu sobrevivo, porque / me deu um objetivo até / lágrimas vermelhas caírem no asfalto. / Verei o seu rosto, saberei porque me escolheu. / Na escuridão você caminha comigo, / é o motivo por que eu sobrevivo, porque / me deu um objetivo até / as minhas batalhas estarem terminadas. / Cada olhar seu, cada frase: coisas preciosas” (Kaos One, *Cose preziose*).

mesmo que ainda não tenha percebido nada, você diz: que graça que alguém tenha vindo falar comigo, que eu seja importante para alguém, como diz a canção que vamos ouvir agora: “Graça surpreendente! Como é doce o som que salvou um miserável como eu”.⁹

Amazing grace

“Não há maior amor do que dar a própria vida pelos seus amigos”

Dentro de alguns minutos vamos celebrar a Santa Missa, durante a qual recordaremos a primeira Missa, aquela última ceia que Jesus celebrou com seus amigos. Ele tinha se tornado o centro afetivo deles, tinham deixado tudo para segui-Lo e aproximava-se o fim. O que Jesus pode fazer por seus amigos? Dar a vida por eles, oferecer Seu corpo e Seu sangue para que eles finalmente fossem eles mesmos. O amigo é um verdadeiro amigo se chega a dar a vida para que você seja, não para que você pense como ele, mas para que você seja. Como diz Pavese: “Que me importa uma pessoa que não esteja disposta a sacrificar-me toda a sua vida? [...] De quem não está disposto – não digo a sacrificar o próprio sangue por você, que é uma coisa fulminante e fácil – mas a ligar-se a você por toda a vida [...], você não devia aceitar nem sequer um cigarro”.¹⁰

Imaginemos que, depois do terror destes dias por causa dos acontecimentos de Bruxelas, um terrorista apareça aqui, no meio do corredor. Todos ficaríamos com medo e, se alguém que se julgasse mais corajoso se atirasse nele para nos defender, não adiantaria nada. O terrorista iria se explodir de todo jeito, porque para ele a sua vida vale a nossa morte, ele está pronto para morrer a fim de nos matar. E quantos mais nos lançássemos contra ele, mais de nós morreríamos, o nosso gesto não adiantaria nada, nada! O que é que, então, pode mudar alguma coisa? Que haja alguém disponível a morrer para que aquele terrorista viva, para que aquele terrorista se apaixone pela sua vida. Foi isto o que Cristo fez com cada um de nós. Morreu para que nós vivêssemos, porque estava tão apaixonado pela nossa vida que aceitou morrer.

Como escreveu Carrón hoje, no *Corriere della Sera*: “Cristo [...] comunica-nos aquela energia sem a qual não podemos recompor-nos nem podemos enveredar pelo único caminho que derrota a violência. A mesma misericórdia de que precisamos nós é aquela de que têm necessidade também os outros. [...] ‘A misericórdia [este amor pronto a dar a própria vida para que o outro seja] é a única verdadeira e última reação eficaz contra o poder do mal’”.¹¹

Em muitas das contribuições vocês perguntaram, talvez depois de uma traição, depois de uma desilusão amorosa, o que significa amar. Amar não é aquilo que o outro lhe dá, o prazer que lhe proporciona, a alegria e o arrepio que lhe provoca a paixão. Amar significa amar o outro mesmo quando lhe diz que não. Historicamente, isto só teve início com Cristo: alguém morreu para que nós vivêssemos. Ouçamos um fado português em que a apaixonada diz: “Se eu soubesse / se eu soubesse que morrendo / tu me havias / tu me havias de chorar / Por uma lágrima / por uma lágrima tua / que alegria / me deixaria matar”.¹² Se eu soubesse que,

⁹ “Graça surpreendente, como é doce o som / que salvou um miserável como eu / Eu estive perdido mas agora fui encontrado / Eu estava cego, mas agora eu vejo / fô a Graça que ensinou meu coração a temer / E a Graça meus medos aliviou / Quão preciosa esta Graça apareceu / na hora em que eu acreditei pela primeira vez / Através de muitos perigos, labutas e capturas / nós já tínhamos vindo / Foi a Graça que me trouxe a salvo até aqui / e a Graça nos guiará para casa. / O Senhor me prometeu o bem / Sua palavra sustenta a minha esperança / Ele será meu escudo e minha porção / Enquanto a vida durar” (J. Newton, “Amazing grace”, em *Cantos*, p. 289).

¹⁰ C. Pavese, *Il mestiere di vivere*. Turim: Einaudi 1952, p. 81, 98.

¹¹ J. Carrón, Somente a misericórdia é a verdadeira reação ao mal, *Corriere della Sera*, 24 de março de 2016, p. 35.

¹² “Cheia de penas / cheia de penas me deito / e com mais penas / com mais penas me levanto // No meu peito / já me ficou no meu peito / este jeito / o jeito de te querer tanto / Desespero / tenho por meu desespero, / dentro de mim, / dentro de mim o castigo // Não te quero / eu digo que não te quero / e de noite / de noite sonho contigo // Se considero /que um dia hei-de morrer / no desespero que tenho / de te não ver // Estendo o meu xaile / estendo o meu xaile no chão / estendo o meu xaile / e deixo-me adormecer // Se eu soubesse / se eu soubesse que

morrendo, fazia você se comover, por aquela lágrima que finalmente tornaria menos áspero, menos duro, o seu coração, eu morreria.

Lágrima

Procurando nos identificar com os apóstolos que, naquela noite, sentiam que o Mestre estava dando a vida por eles, ouçamos o Evangelho: “Como meu Pai me ama, assim também eu vos amo. Permanecei no meu amor. Se observardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor, assim como eu observei o que mandou meu Pai e permaneço no seu amor. Eu vos disse isso, para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa. Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei. Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos”.¹³

“Permanecei no meu amor”. Para alguém que se sente amado assim, até o fim, qual é o maior desejo, senão o de nunca separar-se de um amor assim? Como Madalena, que Dom Giussani descreve assim: “Quando se olhava no espelho, sua fisionomia era dominada, determinada por aqueles olhos. Aqueles olhos estavam lá dentro – me compreendem? –. Seu rosto estava plasmado neles”.¹⁴ Ele permanecia nela, ela permanecia n’Ele. Já não queremos nos afastar desse olhar, como conta, para concluir, um de vocês: “Depois de uma noite de cantos, não me sentia bem; esforçava-me para cantar, mas me parecia que nada era para mim. Estupidamente, talvez, fui embora, e esse sentimento de insuficiência das coisas estava cada vez mais presente [o mar impetuoso do início, com todos os quebra-mares que podemos colocar, não vai embora, graças a Deus!]. Assim, falei disto com um grande amigo; e depois de toda a minha explicação, ele sai com um ‘Bem, parece ótimo!’ [esse é o amigo! Não diz: ‘Fique calmo, isso vai passar’, mas responde: ‘Bem, parece ótimo!’]. Pensava que estava doido. Mas como, ótimo?! Como pode ser boa uma coisa que me faz estar com um humor do cão? Aquele ‘maldito’ tinha me deixado sem jeito antes mesmo de falar comigo, antes mesmo de me dar uma explicação! Mas depois me disse que Deus aposta em mim. E mais ainda! Deus está lentamente alargando a medida do meu coração para me fazer obter um novo gosto. Tudo aquilo que antes me deixava feliz agora não me basta para que o meu coração, ainda que efêmero e miserável, possa amar ainda mais com aquele Amor sincero que se renova toda vez. Deus reabriu a minha ferida para que eu volte para Ele novamente. E como está apostando!! Eu poderia muito bem mandar tudo para o inferno e ir embora. Mas não quero. Quero voltar para Ele. Eu já não posso me afastar”. Alguém que reabre a sua ferida é alguém que lhe quer bem, que aceita até que você vá embora, desde que finalmente você olhe de frente para aquela ferida, desde que finalmente você já não se sinta errado.

Como é que nos afastamos de Alguém que está pronto a nos deixar ir embora, que está pronto a se deixar matar, que está pronto a apostar tudo na nossa liberdade, para que nós sejamos finalmente nós mesmos, para que finalmente aquele mar impetuoso se expresse, para que finalmente se reabra aquela ferida que é a nossa riqueza? E depois este nosso amigo continua escrevendo uma poesia lindíssima que leio agora. Quando uma pessoa escreve uma poesia, quando escreve uma canção, isto quer dizer que está por dentro, quer dizer que traz consigo essa presença amiga, que a tomou, que penetrou até na sua criatividade: permanece em você e você permanece nela. Claro, só o fato de tocar você no uso do dinheiro é já muito, porque me impressionou que um de vocês tenha pedido ajuda aos amigos para vir aqui, mesmo contra a opinião dos pais. Isto significa que ele fazia questão, que é uma coisa

morrendo / tu me havias / tu me havias de chorar // Por uma lágrima / por uma lágrima tua / que alegria / me deixaria matar” (C. Gonçalves, fado português “Lágrima”).

¹³ Jo 15,9-13.

¹⁴ “Mas toda a sua vida – no particular e no seu todo –, ela não conseguia vê-la, nem senti-la, nem vivê-la, senão dentro daquele olhar” (L. Giussani, *Dal temperamento un metodo*. Milão: BUR, 2002, p. 5-6).

importante para ele, mas é ainda mais impressionante o fato de que incida na sua criatividade, porque significa que realmente o conquistou. Eis a poesia: “Abandona-te nos braços de quem, por ti, deu tudo / Serás levada por uma luz mais alta mas da mesma fonte, alma cansada, alma alegre, aos braços de Quem agora é para ti / Repousa alma desejosa / Desperta onde tudo é claro / Onde tudo tem resposta e onde o rosto dos que mais amas se encontram no Amor do coração do Pai / Agora / Hoje / Como há dois mil anos”.

Hoje, agora, como há dois mil anos: esse amor, que se entrega a Si mesmo totalmente para nos fazer ser, alcança-nos agora. Como conclui Carrón em sua mensagem, “é o Seu abraço o que nos salva [...] Quem és tu, Cristo, quem és tu, que não podemos privar-nos de ti, depois de termos te encontrado?”.

Queremos permanecer na onda que o gesto de Cristo gerou naquela noite, na onda que lança aquele mar infinito que somos nós e que nos alcança esta noite, hoje. Por isso, aguardando em silêncio a Missa, vamos cantar uma canção que diz a mesma coisa que o nosso amigo exprimiu na poesia: aqui junto de ti, Senhor, quero ficar; quero permanecer aqui, não quero ir embora para outro lugar, porque se me afasto de ti, onde é que posso ser eu mesmo?

Aguardemos em silêncio o início da missa. O que significa “em silêncio”? Se depois de ter se apaixonado por uma menina, ela fizer você penar um mês, dois meses, se faz você esperar por uma resposta e passados dois meses lhe diz “Vamos sair!”, encontram-se e começam a falar: “Como vai a escola?”, depois a conversa se torna mais constrangedora: “Em relação ao que você me disse há dois meses, eu pensei nisso e...”. Nesse instante toca o celular. Quem é? A mãe! A mãe, agora?! Você gostaria de esfaquear a própria perna para aquele celular não tocar, gostaria de pegar o celular e jogá-lo fora, porque aquela menina está lhe dizendo o que pensa de você, está lhe dando uma resposta. Bem, nestes dias em que Cristo está dando tudo de Si por nós, será que nós queremos da mesma forma estar completamente inclinados a captar o que vai nos dizer, sem que nenhuma outra chamada nos perturbe? É isto o silêncio. Faz sentido fazer silêncio quando alguém tem alguma coisa para nos dizer. Mas se você não espera nada, então é melhor perder tempo. Por isso esperamos em silêncio o início da missa. Vamos cantar *Qui presso a te*.

Qui presso a te

Homilia do Padre Pigi Banna

“Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim”.¹⁵ É possível amar “até o fim”? Ou, infelizmente, o amor está destinado a ter a palavra fim, está condenado a acabar? Também para eles se aproximava o fim da história mais bonita das suas vidas. Parecia que tudo chegava ao fim. Um deles até tinha traído Jesus e tinha dito que se aproximava a sua morte. Era o fim. Também este amor que parecia eterno estava destinado a acabar.

O que nós teríamos feito naquela ceia? Talvez tivéssemos tentado não pensar nisso. Teríamos ficado ali contando uns aos outros que, ainda assim, tinha sido bonito – os milagres, as palavras, as pessoas –, tentando não pensar nisso. Ou então teríamos tentado dizer que não se podia confiar em Judas. Teríamos nos perdido em polêmicas inúteis e estereis. Ou teríamos simplesmente permanecido em silêncio. Não o silêncio que é pedido a vocês nestes dias, mas aquele mutismo de quem se sente inútil na vida.

Mas Jesus, “sabendo que tinha chegado a sua hora, [...] tendo amado os seus [Ele não se perde nessas conversas furadas. O que é que faz?] [...] amou-os até o fim”, ou seja, não permite que se escreva a palavra fim naquela relação. Ama-os de tal maneira, até o fim, que aquela relação poderá durar para sempre, até hoje. Toma o pão, toma o vinho e diz: aqui está,

¹⁵ Jo 13,1-5.

“isto é o meu corpo”, “isto é o meu sangue”, “fazei isto em memória de mim”.¹⁶

Desde dois mil anos atrás até esta noite, fazemos isto em memória d’Ele. Repetindo aqueles gestos, Ele se faz presente no meio de nós com Seu corpo e com Seu sangue. Assim amou até o fim, até hoje e para sempre; encontrou a maneira de estar presente no mundo e ainda hoje no meio de nós. Por isso celebramos a Missa esta noite, não é uma formalidade. Celebramos a Missa porque aquele olhar que alcançou aquele rapaz e aquela menina cujas contribuições lemos, aquele olhar que me alcançou, que alcançou você, que se debruçou sobre o nosso limite, tem uma origem: naquela noite, quando Ele amou até o fim, instituindo a Eucaristia. Sem aquela noite não existiriam estes olhares que nos alcançam hoje. Sem aquela noite não existiria nada entre nós. Por isso agora, celebrando a Missa, compreendemos por que existiu aquela noite, por que é possível que entre nós aconteça a mesma coisa.

Ama você até o fim, põe ainda hoje, diante de você, uma pessoa que se inclina para lavar os seus pés, que se inclina para ouvir aquilo que você não queria ouvir sobre você mesmo. Vamos deixar que os nossos pés sejam lavados por uma companhia que, chegando até nós hoje, nos traz o mesmo olhar, os mesmos gestos, as mesmas palavras de Jesus que ama você até o fim?

¹⁶ 1Cor 11,23-26.

Palestra, Pigi Banna

25 de março, sexta-feira de manhã

“E de que vale a vida, senão para ser dada?”

(P. Claudel)

“E de que vale a vida, senão para ser dada?” Mas a quem é que vale a pena dar a nossa vida? “Se meu pai e minha mãe me abandonarem” recitamos no salmo [Sl 26(27),10]. A quem abandonar-se então, qual é o abraço que não abandona? O salmo continua: “o Senhor me acolherá”. O Senhor me acolherá, onde existia o nada do abandono, o “Verbo se fez carne e habitou entre nós”. A quem dar a nossa vida senão a Cristo que se abaixou, que se humilhou fazendo-se carne, até dar a sua vida por nós, para nos dar a vida?

Angelus

“Minha alma está perturbada”

“Minha alma está perturbada”.¹⁷ Ao longo de todo o dia de hoje seremos colocados diante deste medo, diante deste temor de Cristo. O vazio e o abandono que todos nós conhecemos bem, foi Ele o primeiro a olhá-los de frente, a experimentá-los. Identifiquemo-nos com o grande companheiro desta jornada, ouvindo a descrição daquela luta que Ele viveu no horto das oliveiras.

“Jesus respondeu-lhes: ‘Chegou a hora em que o Filho do Homem vai ser glorificado. Em verdade, em verdade, vos digo: se o grão de trigo que cai na terra não morre, fica só. Mas, se morre, produz muito fruto. Quem se apega à sua vida, perde-a; mas quem não faz conta de sua vida neste mundo, há de guardá-la para a vida eterna. Se alguém quer me servir, siga-me, e onde eu estiver, estará também aquele que me serve. Se alguém me serve, meu Pai o honrará. Minha alma está perturbada. E que direi? ‘Pai, livra-me desta hora?’ Mas foi precisamente para esta hora que eu vim. Pai, glorifica o teu nome!’”.¹⁸

“*Minha alma está perturbada*”. Fiquemos de pé, para ouvir o canto de Maria que sofre. Tentemos nos identificar com o sofrimento de Maria, que é a melhor maneira de entrar na compreensão do sofrimento de Cristo. E, à medida que fluem as palavras do canto, unamos o nosso medo, o nosso temor, o nosso sentimento de vazio e de abandono ao temor, ao medo que também Cristo viveu.

Ognun m'entenda

Na noite entre a quinta-feira e a sexta-feira santas, Cristo viveu a sua agonia. A palavra “agonia” quer dizer a luta. Luta contra quê? Ele viveu a sua luta, como eu dizia antes, contra o sentimento de vazio e de abandono, aquele sentimento de vazio e de abandono de que tantos de vocês falaram nas contribuições. Na noite anterior, todos os discípulos d’Ele estavam prontos para morrer por Ele, todos estavam comovidos por como era grande a sua figura de homem, de Messias. Mas, apenas poucas horas depois, Ele fica sozinho; enquanto Judas negociava para mandar prendê-Lo, Pedro e Tiago e João não conseguiam ficar acordados, velar com Ele. Há quem O traia, quem O renegue e quem fuja. E Ele permanece sozinho.

Ser abandonado é talvez a coisa mais terrível que pode acontecer a um homem na vida. Para não sermos abandonados, nós estamos dispostos a tudo; para receber um olhar de atenção, de ternura por nós mesmos, às vezes estamos dispostos até a nos vender. Por isso, às vezes aceitamos repetir o que não pensamos verdadeiramente, vestir-nos como não queremos, repetir frases das quais não estamos plenamente convencidos, para continuarmos no grupo, para não sermos deixados sozinhos. Mostramos uma cara num lugar e outra noutra, como diz

¹⁷ Jo 12,27.

¹⁸ Jo 12,23-28.

Carrón: “É como se, de fato, cada um de nós se curvasse ao que se espera de nós em cada circunstância: assim temos um rosto no trabalho, outro com os amigos, outro ainda em casa, etc. Onde somos realmente nós mesmos? Quantas vezes nos sentimos sufocados na quotidianidade, sem a mínima ideia de como nos libertar, esperando apenas mudarmos as circunstâncias ou elas mesmas mudarem por si só. Ao final nos vemos bloqueados, aspirando a uma liberdade que nunca chega.”¹⁹ Uma máscara na escola, uma máscara no sábado à noite, uma máscara com os amigos dos Colegiais, uma máscara com os colegas de turma. Por quê? Porque não queremos que ninguém nos abandone, nos deixe sozinhos. Como diz este trecho musical que muitos de vocês conhecem e ouvem: diga-me, você está só brincando comigo ou vai ficar para sempre ao meu lado? “Diga-me, você morreria por mim?”²⁰

Depois de termos sido fascinados, depois de termos sido atraídos, depois de termos começado a acreditar numa pessoa, depois de termos começado a dar-lhe mais do que ela pedia, temos muito medo de que essa pessoa nos abandone, nos traia. Fazemos de tudo para evitar a experiência terrível de vazio que nos assalta quando somos abandonados: sentimo-nos presos e humilhados. Como diz Dostoiévski, depois de termos suicidado a nossa liberdade para não sermos abandonados, encontramos-nos “no pleno isolamento”.²¹

Se lhes interessa realmente o que estamos dizendo, não apenas quando houver silêncio, mas também quando tiverem algum tempo livre, com os seus amigos, antes do almoço, vindo para o salão, indo para a *Via Sacra*, retomem os textos propostos no livrinho, identifiquem-se com a experiência de um cantor, de um escritor, com aquilo que eles dizem sobre si próprios, porque é assim que se aprende também a estudar. Partindo dessas coisas mais verdadeiras, uma pessoa aprende a identificar-se, depois, também com um texto de literatura do século XVIII que talvez não seja do seu agrado.

Mas chegamos à pergunta central que resume todas as outras: existe alguém que nunca vai me abandonar? Ou, como escreve um de vocês: “Existe, então, alguma coisa (uma paixão, uma amizade) que, pelo contrário, dure para sempre?”. Quarta-feira, antes de partir para os Exercícios, um de vocês me disse: “Sabe, estou quase tentado a não ir este ano, sei que me entusiasmo muito e depois acaba”. Por que se entusiasmar outra vez, sabendo que não dura? Temos medo disto, de ficarmos desiludidos, de sermos abandonados. Olhemos de frente a coisa: e se também os Colegiais, se também o encontro com Cristo fosse, como li numa das contribuições, a maior bobagem que eu encontrei, a maior desilusão que já tive na vida? É esta a dúvida que nos perturba.

Como diz Giussani, insinua-se uma pergunta: “E se não fosse verdade?”²² Esta pergunta nos aterroriza: como diz Montale, “o nada nas minhas costas, o vazio atrás / de mim, com um

¹⁹ J. Carrón, *La bellezza disarmata*. Milão: Rizzoli, 2015, p. 181.

²⁰ “Vamos ao ponto / Tudo o que quero é uma pessoa que não precise de muito / Uma garota em quem possa confiar / Que fique comigo mesmo quando houver pouco dinheiro [...] / Garota, preciso de saber / Diga-me agora, você ficaria mesmo ao meu lado? / Baby, diga-me, você morreria por mim? / Passaria a sua vida comigo? / Ficaria ali mantendo meus pés no chão? / [...] / Se eu lhe mostrasse os meus defeitos / Se eu não conseguisse ser forte / Diga-me honestamente, ainda assim me amaria? / Diga-me, diga-me se você iria me querer? / Diga-me, diga-me se você me ligaria? / [...] / Diga-me, diga-me, você precisa de mim? / Diga-me, diga-me, você me amas? / Ou está só brincando?” (R. City feat. Adam Levine, *Locked Away*).

²¹ F. M. Dostoiévski, *Os irmãos Karamázov*. São Paulo: Ed. 34, 2008, vol. 1, p. 415.

²² “O medo é o sopro do nada de onde vimos, que se traduz, como diz o livro da *Sabedoria*, na exaltação das coisas pequenas, das coisas mesquinhas: a mesquinhez do abraço, a mesquinhez da posse, a mesquinhez da apropriação, a mesquinhez da ira, a mesquinhez da preguiça. [...] E assim o mundo é todo feito de mentira, ‘o mundo está todo posto na mentira’ (ainda bem que foi Cristo quem o disse!), é a exaltação do mesquinho elevado a sistema, que acaba sempre em catástrofe. A exaltação que o mundo faz do mesquinho – do sexo, da política, do dinheiro, da saúde – acaba sempre numa catástrofe pessoal (a destruição do eu) ou coletiva [...]. Insinua-se e toma a forma desta pergunta: ‘E se não fosse verdade?’” (L. Giussani, *Un evento reale nella vita dell'uomo. 1990-1991*. Milão: BUR, 2013, p. 292-293).

terror de bêbedo”.²³ Ganha forma o pensamento de que só exista o nada, de que nada seja verdadeiro, de que nada dure, de que tudo esteja destinado a nos iludir para depois nos desiludir.

Pessoal, Judas também teve essa impressão. Ele tinha sido conquistado por Jesus, tinha sido entusiasta de Jesus, mas depois a salvação não vinha sob a forma que Judas esperava. Leio como uma de vocês exprime esta impressão, resumindo muitas perguntas: “Sempre me senti pouco à vontade com as pessoas, sentia-me inadequada e estranha: tinha grandes perguntas que escondia com cuidado. Parece infantil dizer isto, mas me sentia incompreendida. Até que, no décimo ano, conheci os Colegiais. Ali respirei pela primeira vez, pela primeira vez estava em casa. Eles falavam de todas essas perguntas que eu tinha aprendido a sufocar. Já não estava sozinha. Tinha mais do que jamais tinha pedido. Salvou a minha vida. Ali havia pessoas que devoravam a vida com desejo, e eu tinha a sorte de chamá-las amigas [tudo o que dissemos ontem à noite, sintetizado em dez linhas. Tudo o que dissemos: a quinta-feira santa, o amigo, finalmente alguém que me compreende]. Depois [este ‘depois’ é a questão que enfrentamos hoje], um deles se afastou e começou a consumir drogas cada vez mais frequentemente. Ele nos fez entrar em crise: como é que alguém que encontrou uma coisa assim tão grande a abandona? Vejam bem, ele não é estúpido. Então talvez fosse uma ilusão aquilo que eu vivi, eu me iludi achando que era algo grande e bonito. Não sabia como reagir diante disto, e ainda não sei. Dei tudo a este lugar, mas me senti enganada, porque nunca experimentei uma dor tão grande, grande demais para mim. Sinto-me inapta para a vida, está me pedindo coisas que eu não tenho e está me consumindo. Quando faço esta pergunta, respondem-me que é só um momento ruim, uma idade infeliz, mas não me interessa viver à espera de um hipotético amanhã melhor. Quero um motivo para viver agora, senão não me interessa”.

Querida amiga, não acho que seja um momento ruim. Não é um momento ruim esse seu momento! Porque esse é o problema da vida, que queremos olhar de frente: se tudo, “depois”, acaba ou então se podemos confiar em algo que dure para sempre. É o momento de entender o que é que vale verdadeiramente. Ou então podemos fazer como Judas: nos assustarmos com o sentimento de abandono e com a desilusão, e fugirmos. Diante do medo, diante do nosso limite, fugimos, traímos. Esta é a nossa traição: às vezes fugimos; outras vezes, depois do entusiasmo inicial, ficamos nos Colegiais por hábito, para repetir os discursos que todos fazem; outras vezes vivemos num perfeito dualismo entre os encontros e o divertimento tal como o mundo o concebe. Esta é a nossa traição: fugir como Judas. Cantemos *Il monologo di Giuda*.

Il monologo di Giuda

“Seja feito não o que eu quero, porém o que tu queres”

Mas Cristo não fugiu diante do medo. Diante do abandono não se sentiu traído como Judas, não fugiu da cruz, não foi atrás de Judas. Percebeu que não era uma questão de um momento, mas que aquele era o seu momento, o momento de dar a sua vida. Olhou de frente para o medo e para o abandono. Vamos nos levantar e ouvir com atenção o que o Evangelho nos conta sobre isto: “Chegaram a uma propriedade chamada Getsêmani. Jesus disse aos discípulos: ‘Sentai-vos aqui, enquanto eu vou orar’. Levou consigo Pedro, Tiago e João, e começou a sentir pavor e angústia. Jesus, então, lhes disse: ‘Sinto uma tristeza mortal! Ficai aqui e vigiai!’. Jesus foi um pouco mais adiante, caiu por terra e orava para que aquela hora, se fosse possível, passasse dele. Ele dizia: ‘Abbá! Pai! tudo é possível para ti. Afasta de mim este cálice! Mas seja feito não o que eu quero, porém o que tu queres’”.²⁴

Como é que Cristo ficou diante desse desafio? Por que não fugiu? Com gritos e lágrimas,

²³ E. Montale, “Forse un mattino andando in un’aria di vetro...”. In: *Tutte le poesie*. Milão: Mondadori, 1990, p. 42.

²⁴ Mc 14,32-36.

conseguiu dizer: “Mas seja feito não o que eu quero, porém o que tu queres”. Seria bom para todos aprendermos a não fugir diante da dúvida que nos aterroriza como bêbedos, ficando diante dela como fez Cristo.

Tenho um colega de estudos, um africano da Tanzânia, que tem um rosto muito tímido, parece ser a melhor pessoa do mundo; um dia apareceu outro colega seu, também franciscano, e me disse: “Sabe que ele matou um leão?”. Matou um leão com as próprias mãos! Perguntei-lhe: “Como é que você fez para matar um leão?” E ele: “É preciso ter muito treino, você tem de aprender a olhar o leão de frente; nessa altura o leão tem mais medo do que você. Se vir que você tem mais medo, te mata. Se, pelo contrário, você o olhar nos olhos e não tiver medo, assim que ele saltar para cima, você corta o seu pescoço com uma faca escondida na mão e – zac! – o mata”. Fantástico! Nós podemos matar o leão da dúvida que nos assalta, rapazes. Esta é a boa notícia que queria dar hoje. Graças a Cristo podemos não ter medo, podemos olhar de frente para aquela pergunta – e se não fosse verdade? – e matar o medo, derrotá-lo. Não gostariam disso?

O problema é não fugir. O problema é começar a olhar o medo de frente. Ou a nossa amizade serve para isto, ou seja, para estar diante do medo, para atingi-lo, para agarrá-lo pelo pescoço e olhá-lo de frente, ou então, serve para quê? Para fazermos entre nós discursos cristãos? Para fazermos terapia de grupo? Mas para isso existem muitos outros grupos. E quando a amizade se torna apenas isso, então fica reduzida a uma coisa sentimental ou formal. Mas isso não serve para viver. A nossa amizade, que nasce de Cristo, é uma grande ajuda para olhar de frente o medo que nos bloqueia, para matar o leão, para navegar através de todas as dificuldades da vida, para não naufragar, para não ter de fugir e para não usar máscaras. Podemos olhar de frente para tudo. Por isso cantemos *Favola*.

Favola

Há um caminho para olhar o medo de frente, para agarrar o pescoço do leão. Esse caminho chama-se “julgar”, começar a dizer o que pensa, começar a dizer o que acha das coisas. Pensem na primeira vez em que disseram ou fizeram alguma coisa porque quiseram, e não porque os seus pais ou os seus amigos lhes disseram; pensem qual foi a primeira vez em que, indo contra todos, contra a moda, contra os seus próprios amigos, disseram: “Eu quero isto”. Talvez nunca tenha havido um momento assim. Por quê? Porque o mundo – “o mundo” quer dizer “a mentalidade comum” – fica incomodado com alguém livre que julga, alguém que olha o medo de frente e diz: “Eu quero isto”. Isto incomoda porque faz com que você já não seja escravo, torna-o finalmente uma pessoa, com uma fisionomia sua, uma liberdade sua, uma capacidade de juízo sua. Ainda que todo mundo dissesse que uma coisa é vermelha, você diria: “Não! Eu vi, é branca”. Isto é julgar. Quando é que, pela primeira vez, vocês deram um juízo próprio? Muita gente tem medo de que vocês comecem a julgar. Muita gente prefere que vocês se conformem à mentalidade de todos. E reparem que até mesmo as coisas mais transgressoras são muito conformistas, não se preocupem. Mas quando é que fizeram uma coisa que ia contra todo mundo só porque reconheciam que era verdadeira? O juízo é o início da libertação dos seus sentimentos e das opiniões do mundo.

O primeiro na história a não ter medo do juízo foi o próprio Cristo. Como diz Carrón: “Cristo se submete à verificação do nosso coração: não nos pede que acreditemos n’Ele *a priori*,²⁵ como fez com seus apóstolos; não lhes pediu que acreditassem n’Ele *a priori*.

²⁵ “Ninguém pode tomar o nosso lugar, nem mesmo Cristo o fez [...]. ‘Por isso, o nosso conceito de fé tem um nexó imediato com a hora do dia, com a prática ordinária da nossa vida. [...] Se você, se apaixonando pela jovem, ou mesmo tendo vivido tantas vezes a experiência do se apaixonar, nunca percebeu de que maneira a fé muda aquele relacionamento, você nunca se surpreendeu dizendo: ‘Olhe como a fé, iluminando este meu relacionamento, o muda, o muda para melhor!’; se você nunca pôde dizer algo do gênero (e, no lugar da jovem, você poderia colocar qualquer outra coisa: o pai, a mãe, o estudo, o trabalho, as circunstâncias, etc.), se você nunca pôde dizer ‘olhe como a fé torna mais humano o meu viver’, se você nunca pôde dizer isto, a fé nunca se

Quando todos foram embora, por não entenderem suas palavras sobre o Seu corpo e o Seu sangue que ia dar-lhe para comer e para beber, interpela os discípulos: “Também vós quereis ir embora?”. Convida-os a dar o juízo deles sobre Ele: “Também vós quereis ir embora?”. Deve ser verdadeiramente livre uma pessoa que lhe quer tanto bem, que deseja que você use o seu coração, que você use a sua razão, porque ela não tem a preocupação de fazer você repetir as coisas dela, de ligar você a ela.

Como dizíamos ontem à noite, só quer que você seja livre, por isso o convida a olhar de frente para aquele medo, a julgar, a ver como realmente são as coisas, a perceber do que você realmente precisa, o que é necessário e o que não é necessário para olhar de frente para o medo, para enfrentar o caos da minha e da sua vida. Um de vocês diz, retomando um canto:²⁶ qual é aquele ponto firme entre as ondas do mar, no meio de tudo o que passa, qual é o ponto essencial que me permite seguir em frente, não fugir diante de mim mesmo? Responder a esta pergunta, ver o que é realmente verdadeiro, bom, bonito, certo para você, não segundo os outros, o que é capaz de corresponder ao seu coração, isso é julgar.

Há algumas semanas, numa assembleia dos Colegiais de Milão, dei um exemplo que fui buscar em Dom Giussani: é como se, a um certo ponto do caminho da nossa vida, nós nos encontrássemos com as costas pesadas com uma mochila cheia de conhecimentos, de *know-how*, de coisas para fazer.²⁷ Pensem nos seus pais, em quantas coisas lhes ensinaram, da linguagem aos comportamentos: “Não ponha o dedo no nariz, no orelha”; e ainda: “Olhe lá, no futuro você tem de ficar mais rico do que eu, tem de arranjar um bom trabalho”; ou: “Estude, senão vai virar um coitado”; ou ainda: “Olhe, você tem capacidades, mas se não se empenhar...”. Enfim, todos põem alguma coisa na sua mochila. E os amigos também fazem o mesmo: “Mas como, você não tem aquela camiseta?”. E então você veste a camiseta. E assim enche a mochila de coisas, de conhecimentos, de metas, de camisetas. Nossa Senhora! Pesadíssima! De tal maneira que, a dada altura, o que é que uma pessoa faz? Tira a mochila e foge. E não devia ser assim! Podemos parar, abrir a mochila – isto deve ser feito na idade de vocês; e se não o fazem, pior para vocês! – e ver o que é essencial para caminhar, o que é essencial para viver, isso é julgar.

Todos os discursos que fazemos entre nós, todas as lições que nos dão, servem para alguma coisa? Não! Diante dos problemas da vida, quando a vida aperta, você se dá conta de que não servem, que não são úteis. Isto é julgar, ou seja, dizer: “Isto não é útil”. Vai à praia em Rimini e põe os esquis na mochila. É útil? Não! “Ah, mas todos os meus amigos levam os esquis”. E todos nós, feitos tontos, pomos os esquis para ir à praia. “Bem, mas fazemos esqui aquático!” Mas o que está dizendo?! É este o ponto: chegarmos até a pensar que está bom assim, chegarmos a dizer: “Bem, mas se todos trouxeram os esquis, dá para ver que é uma coisa nova”. E assim, pesadíssimos, vamos à praia. Mas libertem-se um pouco desse peso inútil! Você pode olhar para o que está na sua mochila e julgar aquilo de que precisa ou não.

Caso contrário, como escreve muito bem um de vocês, o que é a nossa companhia? Um belo castelo de cartas de discursos, que, porém, quando chegam os problemas, não servem para nada, quando chegam os problemas vão todos para o psicólogo, ou melhor, no sábado à noite todos vão se embriagar e acabam no Iperurano (*instituto de ioga, n.d.t.*). Ou como diz outro de vocês: pegamos uma bela lufada de oxigênio e depois voltamos a mergulhar na confusão da vida. Não! Temos de entender se aquilo que Cristo nos trouxe pode servir para a nossa vida, sempre. E temos de ser honestos em reconhecer que a maioria das coisas que nos dizemos, que nos propomos, trazem apenas “*mancamento e vòto*”, para dizer como Leopardi:

tornará convicção e nunca se tornará construtiva, nunca gerará nada, porque não tocou o seu eu profundo’ (L. Giussani, *L’io rinasce in un incontro (1986-1987)*. Milão: BUR, 2010, p. 300-301).” (J. Carrón, Cristo é algo que me acontece agora, *Passos-Litterae Communionis*, n. 135, mar. 2012, p. 5-16).

²⁶ C. Chieffo, “Canzone dell’ideale” (Parsifal). In: *Canti*, op. cit., p. 223-224.

²⁷ Cf L. Giussani, *Educar é um risco*. Bauru: EDUSC, 2004, p. 14-15.

falta e vazio (para quem não entende Leopardi!).

“Podemos fazer o que bem entendemos, mas não podemos fugir a esta verificação: quantas vezes num dia vivemos uma experiência real de liberdade, ou seja, de plenitude, de satisfação em nossos particulares, na contingência das escolhas cotidianas, na adesão aos bens e às atrações parciais? O que normalmente prevalece é a asfixia, o sentir-se apertado em toda parte, só esperando poder escapar. Quantos fogem para a imaginação a fim de suportar ‘angústia e vazio’! ‘Sem o reconhecimento do Mistério presente, a noite avança, a confusão avança e – como tal, a nível de liberdade – a rebelião avança, ou a desilusão passa de tal modo a medida, que é como se não se esperasse mais nada ou se vivesse sem desejar mais nada, exceto a satisfação furtiva ou a resposta furtiva a um breve pedido.’ [...] Apenas a relação reconhecida e vivida com Aquilo que nos satisfaz nos liberta dos caprichos, da ditadura dos desejos – que é a redução do desejo a algo ao alcance das mãos –, nos torna consistentes em qualquer circunstância e irreduzíveis a qualquer poder.”²⁸

Há muitas coisas que enchem a nossa mochila e não servem para nada. Mas nós às vezes pensamos: “Se eu tivesse aquela coisa, aquela garota, notas melhores!”. Temos de enfrentar as coisas: são banalidades. Porque depois vem a garota, vêm as notas e vemos quantas pessoas, com os desejos todos realizados, continuam infelizes. Mudam as circunstâncias, mas mais uma vez isso não basta; e no entanto não somos honestos em dizer que não basta.

Mas um de vocês escreve: “Tendo voltado das férias de inverno, durante as duas primeiras semanas, rezando e relendo os testemunhos, consegui manter vivo aquele desejo. Mas, com o passar dos dias [aquele ‘depois’ de que falávamos antes], tudo tinha perdido o sabor, então me refugiei nos resultados escolares, mas rapidamente dei por mim ainda um pouco mais triste. Então, com esta tristeza profunda dentro de mim, me lancei na companhia para ter uma resposta e ali estava verdadeiramente feliz, mas logo na manhã seguinte eu voltava para a escola e estava de novo amorfo, tudo passava e eu não retinha nada. Eu me dei conta de uma falta, de uma falta profunda”.

Este nosso amigo é grande, porque todos vivemos assim, mas, ao contrário dele, nós temos medo de confessar isso, e então nos arrastamos com a companhia ao tentar rezar, fingimos que somos piedosos, mas isso não basta, então arranjam talvez uma muleta, mas isso também não basta. Mas a grandeza de um homem está em dizer: “Bem, fiz todas estas besteiras, mas isso me deixa vazio”. Esse nosso amigo não foi grande por ter feito coisas “piedosas”, foi grande porque reconheceu finalmente que nada lhe bastava. É isto o que significa dar um juízo: reconhecer que uma coisa não basta para as infinitas exigências do seu coração. Vocês receiam – eu também penso isso, eu também me incluo aqui – que dizer “Não basta” seja o fim da aventura. E exatamente por isso, temos medo de dizê-lo. “Sim, mas no fundo no fundo, um pouco me basta, e ainda conseguimos viver assim”. Pelo contrário, dizer que não basta é o início da aventura. Dizer que não basta é o início da libertação. Pegar a mochila e começar a olhar para as coisas que estão lá dentro é o começo da nossa libertação. Mas quando nos perguntam: “Está pesado?”, nós respondemos: “Nãã!”. Como, se você está morrendo!? Liberte-se desse peso, diga que não lhe basta!

Se, porém, muitas coisas acabam, não bastam e nos deixam vazios, o que é que nos corresponde realmente? O que é que corresponde realmente à nossa exigência de beleza, de justiça, de verdade, que é o nosso coração? Alguém responde? Nós podemos reconhecer que sozinhos não somos capazes, que sozinhos não conseguimos fazer essa coisa durar. Sim, houve as férias, houve os Exercícios, mas e depois? Mas e depois? É passado, todas as vezes. Mas olhemos para o problema de frente: há alguma coisa que resistia quando você esmorecia? Há um abraço que continua a alcançá-lo justamente quando todos vão embora? Justamente quando você diz “Chega, não aguento mais!”, há alguém que continua a abraçá-lo? “Uma

²⁸ J. Carrón, *La bellezza disarmata*, op. cit., p. 199-200.

mão maior te levantará”, cantávamos, “abandona-te a ela”.²⁹ Cristo entendeu isto. Quando todos o abandonaram, não teve medo de dizer: “Minha alma está perturbada”, estou com medo, mas há alguém que não me abandona nem sequer agora: meu Pai. Como escreve um de vocês: “É como se eu, com todos os meus desejos satisfeitos, pudesse chegar a um determinado nível, enquanto para eles [para esses amigos] não existe limite. Vivenciam a queda de todas as barreiras, de uma plenitude total, transbordante, contagiosa”. Você não é capaz. A basta para você. Você decai. Mas há alguém que retoma você.

Estamos diante de um desafio crucial. Como escreve Dom Giussani: “Há somente um caso em que esse ponto – que é o homem individual – é livre do mundo inteiro, é livre, e nem o mundo inteiro, nem o universo inteiro podem obrigá-lo. Em apenas um caso essa imagem de homem livre é explicável: se supusermos que que aquele ponto não seja totalmente constituído pela biologia de seu pai e de sua mãe, mas possua algo que não derive da tradição biológica de deus antecedentes mecânicos, que seja *relação direta com o infinito*, relação direta com a *origem* de todo o fluxo do mundo, [...] isto é, com Deus”.³⁰ Ou voltamos para junto daqueles que nos prometem pequenas coisas pesadas para pôr na mochila, que nos fazem usar máscaras e nós depois vamos atrás deles para não nos abandonarem, ou então nos abandonamos a Ele, àquela Presença que nunca nos abandona, mesmo quando nós a abandonamos. Como diz Santo Ambrósio: ou somos escravos de muitos, ou somos servos, filhos, de Um,³¹ o único que julgamos, reconhecemos e verificamos que nunca nos abandona. Há alguém que nunca abandonou vocês – esta é a questão da vida –, alguém que nunca os traiu, alguém que, mesmo quando vocês o traíram, nunca os traiu? Há alguém que pode amá-lo para sempre? Com menos do que isto não se pode caminhar. Eu só quero levar comigo esse “Alguém” na mochila da minha vida e depois posso ir a qualquer lugar.

Por isso vamos cantar *Liberazione n.2*, porque esse canto diz que quando nós reduzimos a nossa amizade a política, o nosso sentimento a instinto, a exploração, há sempre esse Tu que não nos deixa, e por isso podemos cantar: “Só Tu podes / preencher o vazio / da minha mente”.³² Começamos a desejar, com todo o coração, descobrir com a nossa razão, com o nosso coração, quem é esse Tu que nunca nos abandona.

Liberazione n.2

Há um Tu, uma Presença que enche a minha vida. Como foi para Pedro: quando todos vão embora, ele diz: “A quem iremos, Senhor? Tu [aquele Tu tinha um rosto concreto, o rosto de Jesus] tens palavras de vida eterna”³³. E eu também na minha vida, justamente nos momentos em que pensava estar mais sozinho, nos momentos em que achava que não era compreendido,

²⁹ “Não tenhas medo, meu filhinho, / mas é a estrada mais dura que te levará lá; / deixa, então, o caminho, entra nos campos e vai, / atravessa esse bosque, / não tenhas medo porque há alguém contigo. // *Há alguém contigo, nunca te abandonará, não tenhas medo, entra nos campos e vai... / la la la* // Quando encontrares o lobo, ou a raposa e o leão, / não te atemorizes e não faças confusão: / são de uma outra história que termina mal; / não poderão tocar-te, não te voltes porque há alguém contigo. // *Há alguém contigo, nunca te abandonará / não tenhas medo, não te voltes e vai.* // Não te rendas à escuridão que devora as coisas / agora é de noite, mas o dia ainda virá...” (C. Chieffo, *Favola*).

³⁰ L. Giussani, *O senso religioso*. Brasília: Universa, 2009, p. 140.

³¹ “Vejam quantos donos têm aqueles que não reconhecem o único Senhor” (“*Quam multos dominos habet qui unum refugerit!*”, Santo Ambrósio, *Epistulae extra collectionem traditae*, 14,96).

³² “Nesta noite não me basta / um livro, uma canção / ou um amor de mulher. / Nem a confusão pode / repelir o tédio / de uma vida que falta. // *Mas Tu, só Tu podes / preencher o vazio / da minha mente, / abrir o coração / de quem não sente, / e depois brincar / com os meus pensamentos, / fazer-me sentir como se tivesse nascido ontem.* // Não vou entregar a minha vida, / única, e contudo vazia, / à política idiota / ou a um falso ideal / inventado por mim, / do qual continuo dono e escravo. // *Mas Tu,...* // Este amor estranho / nasceu como um filho / que ninguém esperou. / Mas por que justamente agora / queremos nos tornar donos / de um amor doado? // *Mas Tu,...*» (C. Chieffo, *Liberazione n. 2*).

³³ Cf Jo 6,68-69.

disse: “Só Tu estás aqui, e vi que Ele nunca me abandonou”. E vocês também, quando se libertarem de todas as máscaras que põem em si mesmos e começarem a julgar, se darão conta de que existe Alguém que nunca os abandona. Como conta um amigo nosso: “Confesso, quase me comovo ao ver quanto caminho fiz, como mudei desde então, quando com um primeiro interesse comecei a compreender que aqui havia alguma coisa para mim. Vou ao Tríduo, portanto, cheio de gratidão por tudo o que esta amizade me deu, cheio de graça no olhar – ainda mesmo antes de chegar! – porque o caminho que fiz me tornou mais humano, mais eu, e me fez descobrir o que quer dizer viver sentindo-se amado. A minha espera e o meu desejo são de descobrir mais uma vez o que quer dizer viver seguindo uma Presença, um Tu que se manifesta a mim através das circunstâncias que me são dadas para viver e que, pouco a pouco, nestes anos aprendi a chamar pelo nome: Jesus. Quero redescobri-Lo, revivê-Lo e voltar a entendê-Lo, porque muitas vezes me esqueço d’Ele e tento viver reduzindo isto que me aconteceu e perseguindo o sucesso e a aprovação de todos; porém, se for sincero comigo mesmo [veem? É aqui que começa o juízo], é evidente que é justamente este Encontro, com ‘e’ maiúsculo, que está mudando cada vez mais radicalmente a minha vida. Quero ter Jesus presente, aquele Encontro que me fez saborear a plenitude através de rostos concretos, em lugares concretos, mas que também me prometeu que aquela plenitude é para sempre. A minha esperança é precisamente que o Tríduo possa ser ocasião para redescobrir esta relação, mais uma vez; e sei que também desta vez não vai ser suficiente, que eu nunca vou me dar por satisfeito em redescobrir essa relação e aprofundá-la cada vez mais. Nestes meses foram muitas as coisas que não me correram bem, as perguntas que tenho sobre mim mesmo, do que gosto realmente, até porque o peso da escolha que terei de fazer muito em breve é muito grande [e portanto existe confusão]; mas me sinto seguro, [por quê?] porque estou certo de que há Alguém que não me abandona, que me amará mesmo se eu errar na escolha, que me amaria ainda que eu desperdiçasse a minha vida. Como é que se pode ficar com medo? Aliás, segundo essa ótica, até as interrogações que tenho são vistas como positivas, porque são o sinal de que estou vivo, de que estou realmente vivendo. Viver com esta consciência no corpo é um espetáculo, simplesmente um espetáculo. Mas o que já mudei nestes quatro anos, devo-o a esta companhia, e com lágrimas nos olhos, repensando em tudo o que aprendi, não posso senão dizer obrigado”.

Ainda que desperdiçasse a minha vida, estou certo de que há alguém que me amaria. Entendo bem que esse nosso amigo diga que é um espetáculo, porque então todas as interrogações não são pontos de parada ou de fuga, mas se tornam um caminho.

Isto é o que Cristo compreendeu naquela noite, o que em primeiro lugar, para nos ajudar a todos, Cristo compreendeu. No momento em que todos o traíram, Ele compreendeu que o Pai nunca o abandonaria, que ainda que tivesse desperdiçado a sua vida de um modo infame, com uma condenação infame à cruz, Ele, o rei dos judeus, tudo teria sido por um bem. Por isso consegue dizer: “Não se faça o que Eu quero, porém o que Tu queres”. Este reconhecimento de Cristo, “não o que Eu quero, porém o que Tu queres” tem um nome que escandaliza muito e já não se diz, porque os primeiros a se escandalizar somos nós, os adultos. Esse nome é “obediência”. A obediência não é a obediência forçada da criança, a obediência é a atitude própria do homem adulto que usa toda a sua razão e a sua liberdade e compreende quem é o único a quem vale a pena obedecer. O oposto da obediência não é a liberdade. O oposto da obediência é a escravidão. Ou somos escravos, ou obedecemos com todo o nosso ser a alguém que nos liberta, que não nos abandona. Como diz Dom Giussani: “Na obediência, você afirma algo que encontrou, maior do que você, do qual espera a sua salvação, e da qual espera para si uma verdade e uma capacidade de amor cada vez maiores”.³⁴ Eu sei que seguindo a Ti eu floresço, porque o vi. Eu sei que seguindo a Ti sou cada vez mais livre. Por isso te obedeco,

³⁴ L. Giussani, *Occorre soffrire perché la verità non si cristallizzi in dottrina ma nasca dalla carne*, Exercícios da Fraternidade, Notas das meditações, 28-30 de abril de 1989, *pro manuscripto*, p. 49.

para não ser escravo de todo mundo. Vamos ouvir, para penetrarmos neste drama da liberdade de Cristo, *O côr soave*, a primeira canção que Dom Giussani ensinou aos jovens dos Colegiais.

O côr soave

“O Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito”

“Não por punhal pungente, / mas pelo dardo que fabricou o amor”.³⁵ O ponto central não é o “punhal pungente”, não é o sacrifício ou a dor, o ponto central é todo o amor pelo Pai que leva Cristo a querer a nossa salvação, a morrer por nós. “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito”.³⁶ Porque quem é totalmente conquistado por uma relação que o liberta, como diz Carrón, chega à possibilidade humanamente inconcebível de dar a vida para que o outro viva: “Mas continuar estupefatos pelo fato de Cristo ter tido piedade do nosso nada, rebaixando-se até se tornar um de nós, vence qualquer desnorreamento e qualquer impotência, e nos enche daquela plenitude que nos permite aceitar qualquer sacrifício, chegando mesmo à possibilidade humanamente inconcebível de dar a vida para que o outro viva, exatamente como Jesus agiu com cada um de nós e como uma mãe cristã agiria com seu filho”.³⁷

Assim fez Cristo com a sua vida, até o fim uma oferta total de Si para que nós fôssemos. Estava certo da Sua relação com o Pai, olhando de frente para o medo e para o abandono. E nós, a quem oferecemos a nossa vida? “E de que vale a vida, senão para ser dada?” Quem é digno de uma oferta tão preciosa como a nossa vida? Não estou falando apenas do futuro, com três, dez, quinze filhos, ou até sem nenhum, não estou falando do futuro como missionário na Oceania, estou falando de agora. A quem oferecer esta página tão difícil do livro? A quem oferecer o rosto do meu pai que não me compreende? A quem oferecer a incompreensão que trago comigo? Se eu estou certo de Alguém que só quer o meu bem, toda a minha vida é um diálogo de oferta a Ele. Não existe circunstância, nem mesmo a cruz, que não possa ser oferecida.

Que quer dizer oferta? Tenho na cabeça um exemplo muito banal. Tenho uma prima mais nova, que agora me ultrapassou em altura porque cresceu, que é campeã de esgrima, e quando era pequena brincava com a sua bola no corredor. Essa bola era tudo para ela, esse jogo a tomava totalmente. Um dia fico vendo-a jogar bola e a certa altura chega o seu pai, e ela, com olhos que se iluminam, olha para a bola – e eu percebi um segundo de hesitação (a bola, o pai) – e o que faz? Pega a bola e a leva ao pai. É isto a oferta. Você tem a certeza de que levá-la a ele, que nunca te abandonará, é o único caminho para viver plenamente aquela circunstância.

E assim não há circunstância que nos possa deter; aliás, o que mais nos impressiona é que assim nós vivemos tudo, qualquer circunstância. Como diz uma amiga nossa que nos encontrou há pouco tempo e que escreve a uma jovem dos Colegiais: “Dá para ver que você não vive se Ele não viver; se Ele não estiver, você também não está. De alguma forma, você se deixou ir completamente... O que é bonito... é que você, como todos os jovens dos Colegiais, vocês vivem agora, não sabem nada do ‘amanhã’, vivem aqui e agora, é importante aquilo que vivem agora”. É a coisa mais bonita que ela podia dizer. Não me interessa – desculpem, vou escandalizá-los – dizer simplesmente: “Vocês, dos Colegiais, rezam tanto, fazem tantos retiros, são tão bons! Vocês são coerentes, nunca erram, se fossem todos como vocês!”. Interessa-me antes que alguém lhes diga: “Vocês vivem agora”. Que um colega de você lhes diga: “Como é possível que ninguém goste daquela professora – porque

³⁵ “Ó coração terno, coração do meu Senhor, / ferido gravemente, não por punhal pungente, / mas pelo dardo que o amor proveu. // Ó coração terno, quando eu te contemplo / nessa triste agonia, minh’alma desfalece. / A voz não mais se ouve, nem mesmo gemido” (Anônimo, séc. XVI, *O côr soave*).

³⁶ Lc 23,46.

³⁷ J. Carrón, Caridade, dom de si comovido, in *Passos-Litterae Communionis*, mar. 2010, p. 11.

objetivamente não é boa – e você, pelo contrário, a escute? E no entanto você não desiste”. Porque você também sente o peso da dificuldade em relação àquela professora de matemática (não sei por que ela se tornou professora de matemática; os professores de matemática são muito bons, tenho de admitir, se não me atacarem!). Eu também sinto a dificuldade de tudo, mas como tudo pode ser oferecido, então tudo pode se tornar interessante, ocasião de diálogo com o Mistério que faz todas as coisas. Como me diziam esta manhã no café da manhã: até o peso de uma doença que imobiliza um amigo nosso com uma rapidez impressionante, começando nas pernas e agora até na respiração, é vivido por ele como a sua missão. E isto começa a tocar os outros: “Como é possível que aquela pessoa tão doente viva assim?”. Porque vive a realidade como sua aliada, como lhes disse Carrón na mensagem para o Tríduo do ano passado, porque tem a certeza de Quem está por trás daquela realidade. Assim os nossos amigos de Lugo nos contaram como reagiram diante da morte de um colega deles. E os jovens de Bolonha nos contaram como reagiram diante da doença de um amigo deles. É impressionante: eles iam ao hospital visitá-lo e estudavam lá, jogavam cartas. No hospital! Também rezavam no hospital. Poderíamos objetar: “Aqui se vem para chorar, o que vocês estão fazendo aqui?”, e eles responderiam: “Somos pessoas que vivem o presente. Quer se chame jogo de cartas, quer se chame doença, quer se chame cruz, vivemos porque temos a certeza de que há Alguém que não nos engana na vida”.

Tudo isto é possível porque Cristo abraçou a Sua cruz, porque naquela noite Cristo julgou aquele abandono e compreendeu que não devia fugir, que através daquele passo, através daquela obediência ao Pai, iria abrir uma estrada para todos nós.

Por isso, de agora em diante e durante toda a *Via Sacra* de hoje à tarde, nós devemos ter apenas uma preocupação: verificar se aquele amor que Ele introduziu na história é capaz de não nos abandonar nunca; para isso devemos carregar todas as nossas cruces, todo o sofrimento que temos em nós, todo aquele sentimento de vazio e de abandono que sentimos em nós, para ver se Ele pode responder ou se é apenas uma bonita história de dois mil anos atrás.

A *Via Sacra* de hoje não é um carnaval, não é uma evocação histórica, mas tem um único valor: ver se aquela cruz me muda hoje, caso contrário fiquem no hotel e permitam que quem queira viva este gesto seguindo Cristo. Queremos ver se a Sua cruz, a Sua obediência, pode abrir uma estrada para a minha obediência, se me permite encarar os leões da minha vida e se me liberta dos pesos que outros puseram em cima de mim e se me liberta das máscaras que eu mesmo pus. Para isto é preciso silêncio. Porque o silêncio quer dizer deixar espaço para essa cruz que passa na minha vida. Como quando a sua mãe (a mãe sempre aparece como exemplo nesta questão do silêncio) limpou o chão da sala e você vê que ainda está molhado; você entra na ponta dos pés ao pelos cantos da sala. É isto o silêncio: caminhar na ponta dos pés, porque há alguém que está entrando na sua vida. Cristo está caminhando com a cruz d’Ele para tomar a sua cruz, e você está em silêncio, como que na ponta dos pés, seguindo o que Ele está fazendo.

Para isto precisamos ser amigos. Procurem um amigo com quem viver a *Via Sacra*. Mas um amigo no sentido indicado ontem, que os ajude a ficar diante d’Ele, a permanecer em silêncio total olhando apenas para Ele, porque é disso que precisamos hoje. Sozinhos não somos capazes. Sozinhos não aguentamos, vamos nos distrair, mas um amigo nos ajuda a ficar atentos. Levantemo-nos e escutemos o último trecho de hoje, retirado do *Miguel Mañara*. Ainda que hoje não tenhamos conseguido seguir tudo, julgo que, pelo menos, a nossa afeição a Cristo cresceu, por isso logo a seguir vamos ouvir *Dulcis Christe*.

“O suor da morte escorre-Lhe pelos olhos. / Ele caminha sob a cruz sem ver o Seu último dia. E o que há de belo para ver aqui, dizes-nos, Filho do Homem? / A água desta terra é como o olho do cego, a pedra desta terra é como o coração do Rei, a árvore desta terra forma uma estaca de tortura para Ti, Amor, filho do Céu. / Ele partiu o pão, Ele serviu o vinho. / Eis a

carne, eis o sangue. / Quem tem ouvidos, ouça! / Ele rezou e levantou-se: os que Ele amava estavam deitados debaixo da oliveira. / Simão, tu dormes? / Ele gritou e levantou-se: os seus filhinhos sonhavam debaixo da oliveira. Dormi doravante, diz o Filho do Homem. / Eles vieram com espadas e tochas: “Salve, Mestre.” O irmão beijou o irmão na face. A orelha direita foi levada, e ei-la novamente sarada: para que o homem entenda. / O galo cantou duas vezes: já não há amor, tudo está esquecido. / O galo cantou na solidão do Teu coração, Filho do Homem. / A coroa está sobre a cabeça, a cana está na mão, o rosto está cego de cuspe e de sangue. / Salve, Rei dos Judeus. / As vestes foram repartidas, os ladrões morreram. / “Tenho sede”, grita o coração da vida. / Mas a esponja tornou a cair e o lado está trespassado e tudo está consumado. / Agora sabemos que Ele é o Filho do Deus vivo e que Ele está conosco até ao fim do mundo. Amém.”³⁸

Dulcis Christe

Angelus

³⁸ O. V. Miłosz, *Miguel Mañara. Mefiboseth. Saulo di Tarso*. Milão: Jaca Book, 2007, p. 44-45.

Via Sacra

25 de março, sexta-feira à tarde

*Não é um pensamento o que devemos seguir agora, mas, sim, entrar num Acontecimento, é uma forma de memória e, como qualquer forma de memória, extrai toda a sua importância da seriedade com a qual o coração fixa os conteúdos da própria memória, como meditação; os movimentos, o caminho, as palavras que se escutam, os cantos tornam essa memória mais viva, mais pronta, possível. Não devemos nos surpreender se nos distrairmos por alguns minutos, retomemos a atenção logo que nos dermos conta. Antes de começar, peçamos ao Senhor que faz todas as coisas, ao grande Pai, a origem de tudo e, portanto, origem também deste breve instante de pensamento, de sentimento, de desejo que me invade, peçamos a Deus a graça de entender, de compreender sempre mais, que o nosso coração compreenda sempre mais. Doa-nos a Tua ajuda para que não fraquejemos, para que a evidência última não se escureça em nós, porque é como uma obscuridade o que cobre a evidência do Verdadeiro.**

[*Os itálicos desta seção da *Via Sacra* foram extraídos do livreto *O abraço que te salva*, Liceus - Tríduo Pascal de 2016.]

Judas, Pedro, Pilatos: a nossa traição

Nós somos a Glória de Cristo, mas, ao mesmo tempo, somos o seu sofrimento; somos o sofrimento de Cristo porque não somos a sua Glória. Não temos consciência de que o objetivo da nossa vida quotidiana é a Glória de Cristo.

Pigi Banna. Judas, Pilatos e Pedro. Aquela dúvida que nos aterroriza e de que falávamos esta manhã chega até a traição, aquela traição que bem conhecemos, porque Cristo é aceitável até nos pedir um sacrifício, enquanto cabe nas nossas medidas, mas quando começa a nos pedir, como hoje, o silêncio durante um gesto tão difícil, esmorecemos. Então achamos que Cristo erra conosco, que Cristo não é suficientemente forte conosco. Não achamos mesmo que nós é que somos incapazes de seguir os Seus passos e de nos converter. Pensamos: é Ele que erra. Serão as vezes em que, como Judas, vamos embora e O renegamos, ou as vezes em que de manhã, como Pedro, dizemos “Estou pronto para morrer por Ti” e à noite nos vemos com medo e dizendo “Não o conheço!”. Ou serão, pior ainda, as vezes em que, como Pilatos, somos simplesmente indiferentes, achamos que já conhecemos, que já sabemos aquilo que nos é dito. Esta é a nossa negação.

E diante disto, o que Cristo faz? Vê Judas e lhe diz, como no canto que ouviremos daqui a pouco, “*Amicus meus*”, meu amigo. Aquele olhar com que o tinha chamado é o mesmo que ainda tem para aquele que O traiu. Aquele olhar com que tinha chamado Pedro é o mesmo com que o olha depois de ter sido traído por ele. Com aquele mesmo olhar, põe em dificuldade a hábil política de Pilatos. E também a nós, cheios de traições, diz “*Amicus meus*”, “Tu és meu amigo, por isso caminho para a cruz”.

E nós, o que fazemos? Precipitamo-nos na escuridão do nosso mal, como Judas, ou pior, deixamo-nos engolir pelas lógicas do poder, pelo nosso amigo que está distraído e então nos sentimos autorizados a nos distrair, tal como Pilatos? Ou, como Pedro, choramos amargamente porque Tu és o amigo da minha vida?

Ouvindo este canto e depois pondo-nos em caminho, decidamos que posição assumir, como responder a este olhar de Cristo que ainda hoje nos diz: “*Amicus meus*”, meu amigo. Seguramente, relendo as traduções dos cantos haverá uma frase, haverá uma palavra a fixar para este dia, uma palavra com que é dito, novamente, “*Amicus meus*”.

Maria, Simão, Dimas: atrás da cruz

A mulher de quem Cristo nasce é a humanidade que mais participou na piedade sofrida de Cristo. Sigamos a figura de Nossa Senhora em seus sentimentos, em todo o caminho de hoje.

Pigi Banna. A maior dificuldade que eu vivo durante a *Via Sacra*, bem como ao longo da vida, é seguir, seguir o Filho do homem até este ponto de desolação. Também nos meus lábios surge a objeção dos judeus: mas se ele é o Filho do homem, se ele é o Rei da luz, por que razão tem que se reduzir a esse ponto? Não pode descer antes da cruz?

E no entanto vimos algumas pessoas simples que, em vez de colocar essas objeções, seguiam. Maria O seguia desde o início da sua vida. Simão, o Cireneu, O segue, toma para si a Sua cruz durante um trecho do caminho. O bom ladrão O segue enquanto está pregado na cruz.

Qual é a dificuldade de segui-Lo, de segui-Lo ao longo da *Via Sacra*, bem como ao longo do caminho da nossa vida? A dificuldade se chama-se “sacrifício”. Não tenho medo de usar também esta palavra: sacrifício. Significa renunciar àquilo que você imaginava que a sua vida seria, tal como Maria teve de renunciar à imagem que tinha de si como mulher, como mãe, para segui-Lo. O bom ladrão teve de renunciar à imagem de um salvador que o tirasse da cruz, para segui-Lo. Mas se não O seguissemos... sabem qual é o oposto do sacrifício? O oposto do sacrifício não é o próprio prazer, mas a tragédia. O oposto do sacrifício é a tragédia de um pecado seu, meu, que não pode ser perdoado. Pelo contrário, aceitando-o, aceitando o sacrifício de ir atrás dele, Maria, Simão de Cirene, o ladrão viram a vida eterna ter início neste mundo; Maria viu uma possibilidade de ser mulher, de ser mãe, de ser filha do seu Filho como nunca tinha imaginado; o ladrão viu a salvação, viu o Paraíso abrir-se diante de si. O primeiro a entrar no Paraíso foi ele.

Se nós aceitarmos o sacrifício de passar por uma estrada feita de cruces, como a via que percorreram agora, feita de sacrifícios para um bem, é para segui-Lo a Ele, e não porque temos músculos fortes. Se nós aceitarmos ir atrás dele, já aqui nos é prometida a vida eterna. Não é uma questão de capacidades. De Maria, mulher pura concebida sem pecado original, ao delinquente crucificado justamente, todos podemos, sem exceções, ir atrás dele. Para todos é possível seguir. Não há pecado que não nos permita fazê-lo. Por isso, que o pedido do canto que vamos ouvir nos alcance e nos sustente no caminho. Maria nos grita: “Vocês o deixariam por outro amor? Cristo está para morrer, vai morrer por você. Você vai deixá-Lo por outro amor?”.

Ele está aqui entre nós como no dia da Sua morte

Para entender o Mistério, é preciso dar-se conta do humano; o que faz que nos tornemos familiares ao mistério da morte de Cristo é dar-se conta dos sentimentos humanos do próprio Cristo, que foram o conteúdo de Seu martírio.

Pigi Banna. Aquele grito ressoa eternamente: “Meu Deus, Meu Deus, por que me abandonaste?” (Mc 15,34). Cristo carregou todo consigo aquele abandono de que falamos esta manhã, trouxe-o para a sua relação com o Pai, gritou-o ao Pai. E desde aquele momento, aquele grito ressoa eternamente e já não pode ser dito de forma vã.

O que mais faz sofrer não é tanto trair a lei, trair os mandamentos, aquilo que mais faz sofrer é ver que o seu pecado custa a morte de Alguém. Mas graças àquele grito, graças àquela morte, já não existe nenhum sofrimento que não seja abraçado pela relação de Cristo com o Pai, já não existe nenhuma dor de mulher, nenhuma dor de homem, nenhum grito de criança que morra injustamente, que não seja abraçado por aquele grito de Cristo ao Pai. Com Sua morte, com Seu grito, Cristo já não permite que nós gritemos desesperadamente.

Tinha sede. Tinha sede de quê? Não tinha sede de água, tinha sede do nosso grito. Tinha

sede do fato de que nós podemos finalmente gritar-Lhe todo o nosso sofrimento, todo o nosso desespero; quer que nós Lhe gritemos, tem sede disto porque em Seu grito cada grito nosso é abraçado. Por isso não tenhamos medo de cantar o *Caligaverunt*, de gritar com Maria a dor pela morte de Cristo.

A grande vocação do filho de Maria cumpre-se como a derrota de um pobre homem. Cada dia da história parece confirmá-lo, mas sua própria permanência, em cada dia da vida do homem, grita uma vitória ainda escondida. E no entanto não está totalmente escondida, é um sinal que revela seu conteúdo. A revelação desse sinal é a concretização, o crescimento de uma companhia humana gerada exclusivamente pela fé n'Ele, nascido realmente das entranhas de Maria. O modo começa a tornar-se experiência. É possível viver a vida com Cristo.

Pigi Banna. O Pai respondeu a esse grito de Cristo. Mas onde? Antes de mais nada, no grito do centurião, não de um dos Seus discípulos, mas de um dos que o tinham matado: “Este era verdadeiramente Filho de Deus!” (Mt 27,54). O Pai responde a esse grito se pelo menos um de nós hoje tiver dito: “Este era verdadeiramente Filho de Deus!”. Aqui está a potência da Ressurreição que já germinava debaixo da cruz, no fato de que ainda hoje um de nós possa dizer, que ao menos um em cinco mil durante esta *Via Sacra* tenha dito em seu coração: “Este era verdadeiramente Filho de Deus!”. Este é o poder da Ressurreição. Cristo é como um artífice que desceu às fundações da terra, aos subsolos do prédio dos nossos limites e ali, chegado ao ponto mais baixo, faz explodir tudo; chegado ao fundo do limite faz explodir tudo, e restitui a vida. Onde? A começar por você, que começa a dizer: “Este era verdadeiramente Filho de Deus!”. Funde o tempo, o presente, o passado, precede o futuro, chega a mim e a você. Por isso sabemos que está vivo. Cantemos: *Allora saprete che esisto*.

Testemunho de Joshua Stancil

26 de março, sábado de manhã

Laudes

Pigi Banna. “Mesmo que alguma mulher se esqueça, eu de ti jamais me esquecerei!” (Is 49,15). Depois do dia de ontem, podemos gritar a todo mundo que há alguém que veio me salvar da minha solidão, que veio me abraçar na minha traição, no meu medo, com uma preferência despudorada por cada um de nós. Como diz a frase do Papa registada no manifesto deste ano: “Quando se experimenta o abraço da misericórdia, quando nos deixamos abraçar, quando nos deixamos tocar; então a vida pode mudar, porque procuramos responder a este dom imenso e surpreendente, que aos olhos humanos pode até parecer “injusto”, por ser tão grande”.³⁹ É esta abundância que enche o nosso coração.

Angelus

Give me Jesus

Il mio volto

Alberto Bonfanti. Falando ontem à noite com o Pigi e alguns amigos professores, e lendo as numerosas, lindíssimas e humaníssimas perguntas que nos chegaram, mas também olhando para o rosto de vocês nestes dias ou repensando nos muitos diálogos rápidos ou mais consistentes que tivemos, uma primeira coisa me parece clara é esta: cada um de nós fez a experiência de ter sido compreendido. Ontem à noite, numa assembleia, um rapaz de Roma disse ao Pigi: “Mas como é que você faz para conhecer a minha necessidade, a nossa necessidade?”. Muitos admitiram: “Aquilo que o Pigi disse é o que eu experimento!”. Na minha assembleia diziam: “Quando falava, descrevia exatamente o que acontece comigo”. Quantos exemplos mais podemos dar, podem dar! Em suma, fomos compreendidos nas nossas necessidades mais verdadeiras no nosso eu. Esta é a experiência que fizemos. Mas quem é que pode nos compreender assim? Só Deus. Não um Deus abstrato, mas o divino incarnado, Jesus. Como na experiência dos discípulos de Emaús, quando O reconheceram, repensando na viagem com aquele homem disseram: “Não estava ardendo o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho?” (Lc 24,32). O nosso coração arde. Isto é possível pela experiência do divino, pela presença do divino entre nós, como foi para os discípulos de Emaús. Esta é a experiência de um abraço que nos salva, que nos compreende. O destino, o divino despertou, acordou, exaltou as nossas perguntas. Chegaram mais de cem. Mas em cada assembleia, nos contaram os adultos, houve um dilúvio de perguntas. E esta é a confirmação do que nos dizia Carrón na mensagem inicial: “Do mesmo modo, sabemos que sem a presença de um grande amigo nos renderíamos logo diante das urgências da vida”. Não tivemos medo de revelar todas as urgências da vida – coisa que não é comum hoje, basta olharem ao redor, que olhemos à nossa volta –. Sejamos razoáveis, como sempre nos ensinou Dom Giussani, submetamos a nossa razão à experiência que fizemos. Porque isto é ser razoável: submeter a razão não aos nossos pensamentos, mas à experiência que fizemos. Olhemos de frente e aprofundemos aquilo que já aconteceu, antes de procurar intelectualizar ou reduzir a regras que tornam o caminho pesado aquilo que, pelo contrário, nos libertou. Este é o primeiro dado indiscutível destes dias, da experiência que cada um de nós fez. Perguntam: “Como é que faço para ver Deus?” Um rapaz pergunta: “No início de cada coisa vivida nos Colegiais tudo é bonito, mas me pergunto sempre: onde está Jesus, afinal? Eu não consigo encontrá-Lo”. Deus

³⁹ Francisco, *O nome de Deus é misericórdia*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016, p. 50.

está aqui porque o seu coração arde, porque lhe despertou as perguntas que tem hoje. Fizemos uma experiência de amizade, como nos disse ainda Carrón em sua mensagem: “Amigo é alguém que ama a minha vida, a minha realização, a minha plenitude. É esta plenitude que eu quero, que espero secretamente desde que o desejo de felicidade começou a aflorar dentro de mim”. Porém há quem pense que seria melhor não ter essas perguntas, essa ferida, que seria melhor que ficássemos anestesiados: “Eu não estou nada seguro se prefiro olhar para a realidade de frente, ou antes enchê-la com mil coisas e esquecê-la”. Ou um outro: “Por que seria vantajoso manter a ferida aberta? Mas podemos?”. Carrón também nos assinalou essa tentação: “Outras vezes, perguntamo-nos se não seria melhor para nós que ele não fosse tão urgente”, esse desejo de felicidade. Mas é possível conter aquele infinito que nós somos? Cada vez que tentamos, ficamos apenas mais insatisfeitos.

Então – e é a segunda coisa que queremos dizer-lhes –, por uma fidelidade à experiência que vivemos nestes dias, temos de ter em conta que não vão encontrar as respostas para as suas perguntas repetindo mecanicamente as respostas que lhes dão e que nós próprios lhes damos; não vão encontrá-las reduzindo as perguntas ou colando as respostas às feridas que têm, mas sim num caminho leal, humano, que parte do ponto onde estão, como reconhece com lealdade um de nós: “O Pigi nos disse: ‘Encontraram alguém que não trai?’. Eu não, ainda não. O Pigi disse que a resposta é Cristo. Esta proposta me parece razoável, mas ainda não é minha”. Encontraremos as respostas através de um caminho humano que parte do ponto em que nós estamos, em relação com aquele lugar que nos provocou as perguntas. Obedecendo – outra palavra para descobrir – àquela amizade que despertou o meu eu, porque a resposta é acima de tudo um lugar onde fazer a nossa pergunta, onde iniciar um caminho juntos, porque vemos homens que vivem à altura do nosso desejo. Este lugar é a Igreja. Este lugar são os Colegiais, dentro da Igreja. Não é uma caixa automática de respostas a um bom preço, mas um lugar no qual caminhar para captar as respostas para as nossas perguntas. Descobrimos a presença entre nós do divino porque despertou as nossas perguntas, mas não sabemos ainda como é que esse divino quer voltar a nos encontrar, quer voltar a nos chamar. No fundo, o que mais nos tocou no Pigi? O fato de ele ter as mesmas perguntas que nós e ter feito um percurso que nos comunicou, ter testemunhado como fez experiência da resposta, como aquela resposta fez arder o seu coração, como faz arder o seu coração agora. Carrón recordou isso: “Todos sabemos, por experiência, que não é fácil encontrar alguém que viva à altura do próprio desejo. Do mesmo modo, sabemos que sem a presença de um grande amigo nos renderíamos logo diante das urgências da vida. É neste ponto que se torna evidente o significado da amizade de Jesus. Sem um amigo como Jesus, que nos acompanha e nos sustenta, seria quase impossível não desistir”.

Não queremos encerrar todas as perguntas que foram abertas, mas queremos que se tornem conteúdo do nosso trabalho juntos nos próximos meses. Então – terceiro e último aspecto que queremos ressaltar ao introduzir o momento desta manhã –, ainda por fidelidade à experiência feita, não nos detenhamos na crista da emoção, do sentimento, mas julgemos, comecemos a julgar, como nos disse o Pigi. Muitos perguntaram o que significa julgar. Para julgar é preciso ter um critério. O critério está em nós, é o nosso coração, a nossa experiência elementar, que nos faz desejar o que é verdadeiro, bonito e bom, a felicidade. Só nós podemos reconhecer o que nos corresponde, mais ninguém pode fazer isso em nosso lugar. E estamos certos de que Aquele que provocou as nossas perguntas colocou dentro de nós um critério infalível que nos fará identificar a resposta. Cada um de nós sabe isso: muitas coisas nos emocionam, mas só uma corresponde infalivelmente, ou seja, traz consigo um “para sempre” de verdadeiro, de bonito, de bom, de justo. Isto acontece num caminho pessoal dentro daquele lugar que provocou o nosso eu e que, portanto, é já o caminho da resposta. Isto, como dissemos, são os Colegiais. É um caminho humano onde sermos amigos, onde nos desafiarmos a ir ao fundo das nossas perguntas. Foi Jesus quem nos despertou as perguntas e as reavivou. Como é que

Ele irá responder a cada um de nós, não sabemos, mas sabemos que Ele nos responde. O como, está por descobrir.

Temos só de estar atentos para evitar dois erros, dois erros possíveis: esperar passivamente que outros nos deem a resposta, ou darmos a resposta a nós mesmos com os nossos raciocínios, com a nossa imaginação. A resposta, pelo contrário, será encontrada num caminho dentro daquele lugar que nos despertou a pergunta, porque, tal como a pergunta foi despertada por Outro, também a resposta não está em nós, nunca poderemos catalogá-la. Como a pergunta é o pedido de uma relação, também a resposta é a experiência de uma relação, de um abraço que nos salva. Aquilo que nos conforta – e vemos na vida cotidiana, vimos nestes dias – é ter testemunhas que nos indicam o caminho. Como foi o Pigi neste Tríduo, como foram muitos entre nós para cada um de nós e como é o nosso amigo Joshua, que veio justamente para isso dos Estados Unidos para nos contar o percurso que fez, como é que reconheceu na sua vida o que é bonito, o que é verdadeiro, o que é justo, para nos testemunhar – para usar a feliz imagem do Pigi – como combateu o leão, derrotando-o.

Joshua Stancil (*Fala em língua inglesa com tradução simultânea*). Estou um tanto atordoado ao olhar para vocês todos. Quando, há uns meses, me pediram para vir aqui, achava que teria de falar para uns cinquenta de vocês no salão de uma igreja; realmente não achava que a plateia fosse tão grande, mas estou muito contente por estar aqui e também comovido. Propuseram-me falar sobre a misericórdia e sobre a Ressurreição, e para isso quero dar exemplos concretos da minha vida. Passei dezoito anos na prisão na Carolina do Norte, um dos estados do sul dos Estados Unidos. Na prisão uma pessoa tenta dar o seu melhor, mas também tenta negar a realidade com mentiras; uma mentira que eu dizia a mim mesmo era esta: “O que é que vou fazer em todos estes anos de prisão?”. Quando fui condenado a lei mudou, minha pena podia ter sido reduzida e poderia ter voltado para casa. Mas passados seis anos me dei conta de que isto não seria possível e que, portanto, iria ficar na prisão durante dezoito anos. Na Carolina do Norte não ficamos numa prisão definitivamente, nos mudam de uma prisão para outra porque têm medo das relações que se estabelecem entre os detentos, relações afetivas, tráfico de armas ou outras. Eu estive encarcerado numa prisão muito severa, muito violenta. Era um ambiente corrosivo para o meu espírito, que todos os dias levava consigo um pedaço de mim, que martelava dentro de mim. No verão de 2002, pensei mesmo no suicídio, mas a realidade é teimosa e vence sempre. Contei a mim mesmo um monte de mentiras, mas a realidade é teimosa, a realidade vence. A única coisa que me fez andar para frente nos meses seguintes foram os textos de Dom Giussani; de fato, recebi na prisão uma revista, que se chama *Magnificat* e é um missal diário que contém pequenas meditações cotidianas, escritas por santos ou por quaisquer personalidades da Igreja. Não resisti em escrever ao diretor, um padre dominicano chamado Peter Cameron, perguntando-lhe se podia comprar a revista todos os meses. Ele me respondeu: “Não se preocupe, eu lhe mando de forma gratuita”. Entre muitas outras, a *Magnificat* trazia também meditações de Dom Giussani. Até então, nunca tinha ouvido falar dele; por outro lado, a revista não dizia muito, apenas trazia, sob o texto, a legenda “Dom Giussani é o fundador de Comunhão e Libertação”. Confesso que não me interessava muito saber o que era aquele movimento de que era fundador. Naquela altura eu me sentia muito viril, independente, mas queria saber mais sobre esse Dom Giussani e então escrevi a várias organizações católicas americanas tentando entender. Quando você está na prisão e escreve para as pessoas, nove vezes em cada dez não te respondem, porque pensam que você está sem dinheiro ou que está tentando enganá-los. As únicas pessoas que me responderam escreveram: “Nós não sabemos nada de Comunhão e Libertação”. E assim me esqueci completamente do assunto, eliminei-o da minha cabeça. Como lhes disse, em julho de 2002 pensava no suicídio e procurava locais isolados na prisão para poder me matar, porque as prisões são muito abertas. Ao arrumar as

minhas coisas, encontrei uma meditação de Massimiliano Kolbe, estava se aproximando a festa da Assunção. Então disse para mim mesmo: “Está bem, vou rezar esta oração”. E assim, em 15 de agosto de 2002, fiz o ato de consagração a Maria. Não havia nenhum sentimento de alívio em mim, nada de particular, era apenas um ato de completo desespero. Eu o fiz e depois me esqueci completamente disso. Um mês depois, recebi uma carta de uma organização que tinha encontrado informações sobre Dom Giussani e sobre o movimento. Mandaram-me três nomes: John, Rick, Barry e os seus endereços de e-mail. Na prisão, nos EUA, você não tem acesso à Internet, por isso esses e-mails não me serviram para nada; depois pensei: “Escrevo uma cartinha, mando-a à minha mãe e lhe pergunto se pode enviá-la por via eletrônica”. E assim fiz. Escolhi um nome qualquer, Rick, escrevi uma carta muito curta, mandei-a à minha mãe, mas depois me esqueci, não pensei mais no assunto. Não me entendam mal, eu gosto da minha mãe, mas ela tem tendência a dizer “Sim” de forma entusiástica para todas as coisas, e depois se esquece. Mas descobri depois que ela, realmente, tinha enviado o e-mail. A minha mãe não é católica, por isso as coisas que eu tinha escrito não tinham nenhum significado para ele. Em todo caso, enviou o e-mail no dia 7 de outubro, festa do Rosário, mas eu não sabia se o tinha feito. O Rick recebe o e-mail, contacta a Elisabetta, que pertence aos *Memores Domini*, e juntos prepararam um pequeno pacote para mim com alguns números da *Traces*, alguns livros de Dom Giussani e, infelizmente, incluíram no pacote também alguns CDs de música. Nas prisões da Carolina do Norte não se pode ter CDs, por isso o pacote foi devolvido ao remetente. Eu não sabia de nada disto. Depois, um dia recebi uma carta de um italiano chamado Giorgio Vittadini. Estando numa prisão da Carolina do Norte, não é todos os dias que se recebe uma carta de Itália. Eu não fazia a mais pálida ideia da razão por que aquela pessoa estava me escrevendo. Parecia-me muito simpático, mas não percebia porque tinha me escrito e não queria lhe responder, porque não tinha nada para dizer. Além disso a minha atitude, como já disse, era a de ser viril, independente, e por isso não queria ter nenhum tipo de relacionamento com ninguém. Infeliz, ou felizmente, sou da Carolina do Sul, onde somos ensinados a ser muito educados, corretos, e por isso tive de inventar qualquer coisa para lhe escrever. Uma noite estava vendo televisão e vi no telejornal que o Etna estava em irrupção. Pensei: “Ah, agora tenho alguma coisa para escrever!”. Acreditem, para piorar a situação e comprovando da típica ignorância geográfica dos americanos, escrevi ao Giorgio: “Por favor, tome cuidado!”.

Algumas semanas depois, inesperadamente, sou transferido para outra prisão na Carolina do Sul, muito melhor do que aquela onde me encontrava, e recebi uma carta daquela Elisabetta que tinha me enviado o pacote que nunca recebi, e assim ela me explicou tudo o que tinha acontecido. Na carta me escrevia também: “Você se importaria se eu e um amigo meu fossemos visitá-lo na prisão?”. Queria dizer que não, porque, como disse, era independente e não queria nenhuma relação, mas simplesmente receber um livro de Dom Giussani. Mas nós, no sul, somos verdadeiramente corretos, educados, e por isso disse que sim. Em 29 de dezembro de 2002, a Elisabetta e o Thobias vieram me ver na prisão. Não sabia por que tinham vindo. Foi uma visita muito bonita, como nunca tinha tido. E quando foram embora, disse: “Foi muito bonito», mas não pensava, claro, que ia voltar a vê-los. Mas eles voltaram poucos meses depois. E todos os meses alguém novo vinha me visitar, de Washington D.C. e de Nova York. Tenham em conta que a Carolina do Sul é vários estados mais a sul, e por isso tinham de dirigir durante muito tempo. E por isso eu queria descobrir qual era a armadilha, o que estava por trás daquilo. Achava que queriam “o meu primogênito”, dinheiro, não sei, tentava entender. Não sabia o que estava acontecendo. Até que, cerca de um ano depois, vieram me visitar o Rick e a sua mulher Chiara, que é italiana. Ela estava grávida, naquela altura, de muitos meses. Surpreenderam-me perguntando se eu queria ser o padrinho do filho ou da filha que iam ter. Lembro-me de ter olhado para eles e ter perguntado: “Vocês estão conscientes de que eu estou na prisão?! Isso não é jeito de conquistar a simpatia dos outros,

vão pensar que vocês estão doidos ao fazer esta proposta”. Mas como o primeiro livro que li de Dom Giussani era o *Por que a Igreja* (naquela altura, era o texto da Escola de comunidade), se se lembram, no início do livro Dom Giussani descreve os três métodos para verificar a pretensão da Igreja: o método racionalista, o método protestante e o método católico-ortodoxo. Do método protestante, ele diz que uma luz interior, um sentimento interior te invade vindo de dentro, mas o problema é que as nossas emoções vão e vêm. Se a minha certeza sobre a Igreja, sobre a misericórdia, sobre Cristo, se baseasse numa emoção, o que eu faço quando as emoções vão embora? Mas quando você está numa prisão, com uma sentença de dezoito anos, e um casal lhe pede para ser padrinho do filho, isto é uma coisa concreta, não é uma emoção! Nesse momento você compreende que a misericórdia se encarnou, está na sua frente e o olha. Alguns meses depois, recebi outra carta de Itália. Está em italiano, mas é muito curta, leio-a: “Meu querido irmão, ou ainda melhor, irmão Joshua, nós estamos realmente gratos pelo testemunho que está nos dando da sua experiência, da sua experiência da nossa fé [e sublinhou as palavras ‘nossa fé’]. Espero abraçá-lo antes do fim da nossa viagem terrena”. Assinado: Dom Luigi Giussani. Escreveu-me essa carta cerca de dois anos antes de morrer. E fiquei profundamente comovido, porque dá para ver, pela letra muito trêmula, que ele estava muito doente naquela época, mas tomou algum tempo do seu dia para me escrever, a mim que estava na prisão. E sublinhou a expressão “nossa fé”. Surpreendeu-me que ele, de alguma maneira, se identificasse comigo. Quando você está na prisão, nunca experimenta isso, porque ninguém quer se identificar com você, ninguém quer ter alguma coisa em comum com você. E quando Dom Giussani me escreveu: “Espero abraçá-lo nesta vida”, julgo que sabia bem que não poderia me abraçar e que esse abraço ficaria apenas na carta.

E assim, vendo que ele que era italiano e idoso, e eu que era americano e jovem, que eu estava na prisão e ele era livre, mas estávamos fazendo experiência da mesma coisa, comecei a entender a ideia da misericórdia, ou melhor, o fato da misericórdia que me levava a compreender a fé. Não sei como é na Itália, mas nos EUA o Papa Francisco é uma figura controversa. Circulam muitas críticas sobre o Papa Francisco e algumas delas se estendem também a este Ano da Misericórdia. Uma das críticas que ouvi é que o Papa fala muito da misericórdia e muito pouco da penitência. Não me parece que seja uma crítica fundamentada, porque na realidade ele fala também da penitência. Mas a coisa mais importante é outra: se a misericórdia que eu recebi fosse proporcional à quantidade da minha penitência, do meu arrependimento, já não seria misericórdia; se eu tenho de ganhá-la, é simplesmente um prêmio, uma conquista, não é misericórdia. A misericórdia é uma coisa que não se merece. Quando a mulher adúltera é levada a Jesus, para mim uma das coisas mais impressionantes daquela história é o fato de que Jesus nunca usa a palavra adúltera o adultério, não lhe põe nenhuma etiqueta, não lhe atira areia nos olhos, porque sabe que aquilo de que ela precisa não é ser humilhada, mas que aquilo de que ela precisa é um novo início. Foi isso que Ele lhe deu. O Ano da Misericórdia representa a mesma oportunidade para nós. O Rick, esse amigo meu, e a sua mulher Chiara não me perguntaram se eu tinha me arrependido antes de me convidarem para ser padrinho da filha deles; Dom Giussani não me perguntou se eu tinha me arrependido antes de me escrever a carta; nenhum de vocês me perguntou se eu tinha me arrependido antes de vir aqui hoje, e deste modo cada um de vocês me fez ver a misericórdia. A misericórdia, às vezes, é uma coisa difícil de receber, por exemplo para mim, acima de tudo porque me obriga a reconhecer que cometi um erro, mas também porque me obriga a reconhecer que sou dependente. E às vezes isso não nos agrada. No entanto, a coisa maravilhosa da dependência é ver que não estamos sozinhos. Se por definição dependo, significa que nunca estou sozinho.

Vim à Itália em dezembro. Encontrei pessoas maravilhosas e já conheci alguns de vocês. Em alguns, existiam objeções que eu ouvia repetidamente, do tipo: “Tudo isto parece maravilhoso, mas eu não sou uma boa pessoa, uma pessoa corajosa”. Em especial, uma

mulher me disse: “Não há nenhuma necessidade que Jesus seja misericordioso comigo hoje, porque amanhã eu volto a errar. Eu sou como um vulcão que continua em irrupção, errando”. Eu lhe disse: “Sim, mas o vulcão nos dá o Havaí, as ilhas do Havaí, no meio de todo o caos, do fogo, surgiu um dos lugares mais belos da terra”. Com Cristo não há objeções, todas as coisas podem ser usadas. Ele nunca diz aos que o seguem, aos discípulos: “Primeiro resolva todos os seus problemas, e depois me siga”. Em dezembro fui a Roma e senti uma grande alegria ao ver o quadro de Caravaggio sobre a vocação de Mateus. Se conhecem esse quadro, Jesus aponta para Mateus, chamando-o, enquanto este conta dinheiro, porque ele era um cobrador de impostos. A questão é que mesmo quando nós não olhamos para Jesus, Ele olha para nós. O amor e a misericórdia vêm sempre primeiro. Nós não fazemos primeiro penitência e depois vamos falar com o padre para a absolvição, é ao contrário.

No dia 4 de janeiro voltei para os Estados Unidos, no aeroporto havia problemas de segurança, no embarque dos passageiros era muito complicado passar pelos controles e eu era o último da fila. O lugar que tinha sido atribuído para mim era bem no fundo, o 43G, o avião estava completamente cheio e eu não estava muito satisfeito com tudo isso. O meu lugar era bem na frente do banheiro e eu pensei: “Assim não vou conseguir nem sequer dormir neste voo!”. Quando estava chegando ao meu lugar, que dava para o corredor, estava uma senhora no assento do meio e o casaco dela estava no meu assento. Era uma senhora bonita, pensei que fosse italiana porque todos no avião eram italianos, exceto eu. O meu italiano é terrível, por isso nem sequer tentei lhe dirigir a palavra. Como disse aos amigos em dezembro, eu só conheço três palavras em italiano: oi, bom dia e beringela. Por isso olhei para a senhora, apontei para o casaco, apontei para mim mesmo e sorri. E ela pegou o casaco, dizendo-me em inglês, mas com sotaque italiano: “Talvez você tenha dificuldade em encontrar lugar para a sua bagagem, é melhor falar com a aeromoça”. Eu disse: “Está bem, obrigado”. Falei com a aeromoça, encontrei lugar para a minha bagagem voltei para o meu lugar, e enquanto voltava para trás a senhora estava olhando para mim; então pensei: “Hmm, é um pouco estranha”. Sentei-me e ela me disse: “Você é o Joshua”; a minha cabeça começou a pensar: talvez ela estivesse num dos encontros em que participei. E, como se estivesse lendo meus pensamentos, ela me disse: “Não, eu não estive em nenhum dos seus encontros, mas tenho uma carta que você me escreveu há muitos anos”. Eu pensei: “Mas como é que ela recebeu uma carta minha?” E ela: “Vivi em Nova York durante algum tempo”; e só então me lembrei de quem ela era. Tínhamos trocado uma carta, e depois ela tinha voltado para a Itália. Essa carta era de 2003, quando eu ainda estava na prisão. Aquela pessoa nem sequer devia estar naquele voo, o seu voo era no dia anterior, mas como havia problemas tinha sido transferida para o meu voo, para o lugar ao lado do meu. A voz feminina que vocês estão ouvindo é justamente dessa pessoa! (*Aplausos*). O seu nome é Lorna. É um mundo realmente pequeno. Somos realmente um só coisa. E a Ressurreição realmente acontece agora. Muito obrigado por terem me convidado para estar aqui com vocês.

Pigi Banna. Obrigado, Joshua porque, como nos dizia, com Cristo não existem objeções e o mundo se torna pequeno. Cristo experimenta a todas elas para me alcançar, a mim e a você, para alcançar Madalena no dia de Páscoa, uma mulher desconhecida, para fazê-la sentir-se mais ela mesma, mais Madalena, como diz o Carrón: “‘Maria!’”. Como deve ter vibrado a humanidade de Jesus para poder dizer o nome dela com um tom, com uma entonação, com uma intensidade, com uma familiaridade tais, que ela O reconheceu logo, quando apenas um minuto antes O havia confundido com o jardineiro. [...] A ternura do Mistério chega àquela mulher através de toda a humanidade de Jesus ressuscitado vibrante por ela existir: ‘Maria!’ [...]. Que é o cristianismo senão aquela presença toda vibrante pelo destino de uma mulher desconhecida, que a faz entender o que Ele trouxe, o que Ele é para a vida? [...] É esta comunicação de ser, de ‘mais ser’, de ‘mais Maria’ que revela àquela mulher quem é Jesus.

Não é uma teoria ou um discurso ou uma explicação, mas um acontecimento que perturbou todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, entraram em relação com Ele e que os Evangelhos, em sua simplicidade desarmante, comunicam do modo mais ingênuo, mais límpido que pode haver, ressaltando como Jesus pronunciou o nome deles: ‘Maria!’, ‘Zaqueu!’, ‘Mateus!’”⁴⁰

Cristo derruba as barreiras que separam um homem imobilizado pela doença na Itália, um idoso, e um jovem imobilizado pela prisão nos EUA; derruba as barreiras da nossa cultura, derruba as barreiras das transferências de prisão, derruba as barreiras da nossa preguiça, derruba as barreiras do tempo para nos alcançar. Ele não nos pede permissão para ressuscitar. E é só num certo momento que percebemos que Ele nos alcançou. E quando percebemos isso, nos damos conta de todas as dificuldades que Cristo teve para nos alcançar, bem como, talvez só quando tivermos sessenta ou setenta anos, nos daremos conta de todas as dificuldades que a nossa mãe passou para nos pôr no mundo. Como faz uma pessoa para falar a seis mil pessoas, das quais gostaria de saber todos os nomes, mas consegue no máximo decorar trinta? Como é que um homem de outro continente faz para chegar ao nosso coração? Não nos pediu licença, derruba as barreiras. Não nos pede condições prévias, uma penitência, derruba as barreiras do tempo e do espaço. Sobretudo, as barreiras do meu limite. A questão central, como nos dizia o Albertino, não está tanto no fato de nós termos entendido tudo nestes dias, mas que Ele tenha nos alcançado. E esse sermos alcançados tem um nome: misericórdia.

Misericórdia quer dizer todo o caminho que o Mistério é capaz de fazer, que Cristo é capaz de fazer para alcançar você. Esse caminho passa pela morte, passa pelo tempo, passa pelo meu pecado. Não se scandaliza, não se detém. Até que você diga: “Mas o que me faz sentir mais eu mesmo? O que me faz ressuscitar? Eu sou limitado, ele é limitado, estamos cheios de limites, e no entanto passa alguma coisa. O que é?”. Isto é a Ressurreição. Por isso façamos explodir o nome d’Aquele que, de algum modo, nos alcançou nestes dias. Façamos explodir o nosso grito de alegria cantando *Cristo risusciti*.

Cristo risusciti

Com Cristo já não existem objeções. Repetimos isto e agradecemos a vocês, eu lhes agradeço antes de mais nada pessoalmente pela forma como estiveram atentos nestes dias, disponíveis para o que acontecia, porque não colocaram barreiras a esse acontecimento incrível que acontecia entre nós. Quero lhes desejar duas coisas, para concluir.

A primeira é que o coração de vocês arda cada vez mais, que não se acalme, mas grite a toda mundo essas perguntas que vocês têm. Não se contentem! Como escrevemos no telegrama ao Papa Francisco, citando-o a ele próprio, porque este Papa é espetacular: “Vamos fazer barulho”. Queremos fazer barulho, queremos gritar ao mundo que nós somos pergunta. Porque, quanto mais uma pessoa encontra Cristo, mais faz barulho, mais o seu coração se incendeia, mais se apaixona por tudo, mais consegue caminhar, mesmo na prisão, mais consegue amar a vida, mesmo na prisão; consegue amar uma hora de matemática, para sossego das professoras de matemática. Porque com Cristo, se o coração bate, tudo pode tornar-se apaixonante.

E a segunda coisa que lhes desejo é de serem como Cristo neste dia, neste Sábado Santo. Para a tradição oriental, o Cristo de sábado ainda não ressuscitou na terra, ressuscitou no inferno: vai, desce aos infernos, aos subsolos do mundo, e vai abrir todos os túmulos, de Adão, de Eva, dos patriarcas, de todos os que estavam ali embalsamados, e diz a todos: “Acordem!”. E vocês? Depois destes dias, vão voltar para os seus pais, alguns dos quais não sabem nem sequer o que é a Páscoa, vão rever os seus colegas que estavam se divertindo da maneira habitual, que entusiasma por pouco tempo, e podem dizer-lhes: “Acordem! Saiam

⁴⁰ J. Carrón, *La bellezza disarmata*, op. cit., p. 322-324.

dos túmulos!”, porque podemos gritar uma pergunta. A nossa forma de estar na escola, de estar em casa, muda; não é que os abandonemos porque nós encontramos os Colegiais, como que dizendo: agora pronto, já foi. Não! Pode-se estar com eles como Cristo no meio dos infernos, é sair, como diz o Papa Francisco. E não um sair só para dizer: “Dou um panfleto, peço a você, venha aos Exercícios. Não vem? Então não é mais meu amigo”. Isto seria uma idiotice, uma coisa de ativistas. Mas uma pessoa que acordou, vai acordar as outras. Depois, talvez só daqui a dez anos vão te perguntar: “Olha, mas que coisa era aquela de que você tinha me falado? A Escola de Comunidade? O que era aquilo?”. Não importa, a questão é acordar, como nós fizemos nestes dias, convidá-los a fazer um caminho humano, a sair do sepulcro, levar uma lufada de ar fresco para a classe de vocês, para a escola de vocês. Este é o primeiro sinal, o maior sinal de Cristo ressuscitado. Porque, se temos uma pergunta, não devemos calá-la, temos pelo contrário de gritá-la para encontrar a resposta. E, se começamos a encontrar alguma coisa, não podemos fechá-la neste recinto, temos de levá-la a todo mundo. Boa Páscoa!

Alberto Bonfanti. Leio a vocês o telegrama que enviamos ao Papa Francisco. “Santidade, cinco mil estudantes de Comunhão e Libertação, junto com seus professores, participaram de 24 a 26 de março, em Rimini, do Tríduo Pascal, pregado pelo padre Pierluigi Banna. ‘O abraço que te salva’ foi o tema do Tríduo. Acompanhou-nos a certeza, como disse na audiência geral de quarta-feira, de que o amor de Deus não tem limites, é um amor que vai ao extremo sem limites. O mistério é uma grande história de amor que não conhece obstáculos. Isto acontece hoje como aconteceu aos apóstolos. O amor de Cristo alcança-nos, leva a sério todas as perguntas do nosso coração e as faz surgir num abraço que volta a dar vida em toda parte. Com Jesus ao nosso lado, nossa vida é diferente, mais plena. O início do cumprimento do desejo de felicidade que vemos florescer em nós é a nossa alegria e é a esperança que levamos a todos dentro da escola fazendo confusão, fazendo barulho, como nos disse uma vez, através da simplicidade do testemunho que resplandece no senhor de modo apaixonante e envolvente. Enquanto imploramos sua especial benção, asseguramos-lhe nossa oração. Felicidades Santidade. Alberto Bonfanti e padre Pierluigi Banna».

Regina Coeli